

J. DE ALENCAR

MÃI

DRAMA EM QUATRO ACTOS

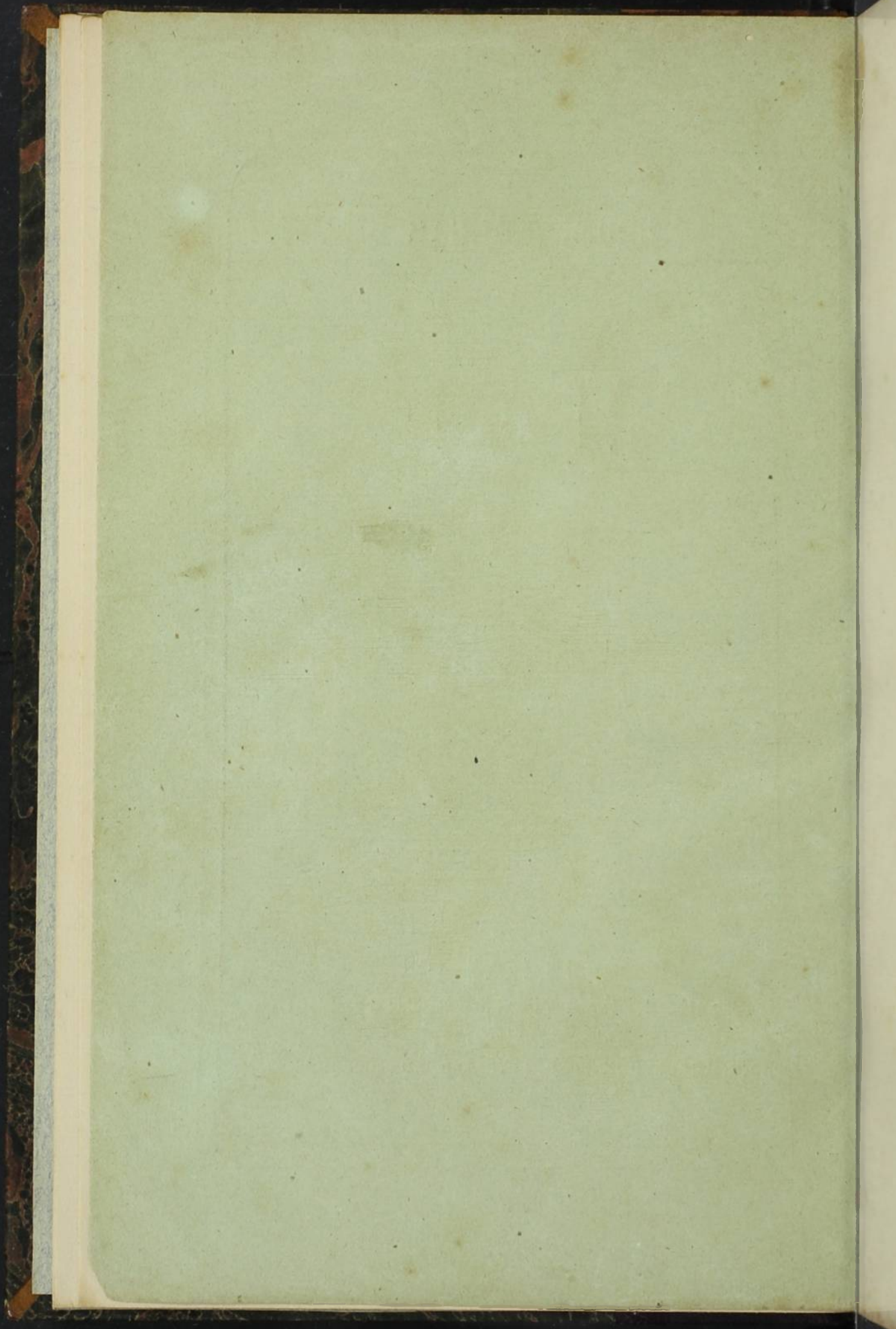
RIO DE JANEIRO

B. L. GARNIER, EDITOR

RUA DO OUVIDOR, 69

PARIS, AUGUSTO DURAND, LIVREIRO, RUA DES GRÈS, 7

—
1865



Alfredo B. de Barros
[Signature]

OBRAS DE JOSÉ DE ALENCAR

M A I

[Faint handwritten mark]

PARIS. — TYP. PORT. DE SIMÃO RAÇON E COMP., RUA D'EBFURTH, 1

J. DE ALENCAR

MÃI

DRAMA EM QUATRO ACTOS

SEGUNDA EDIÇÃO REVISTA

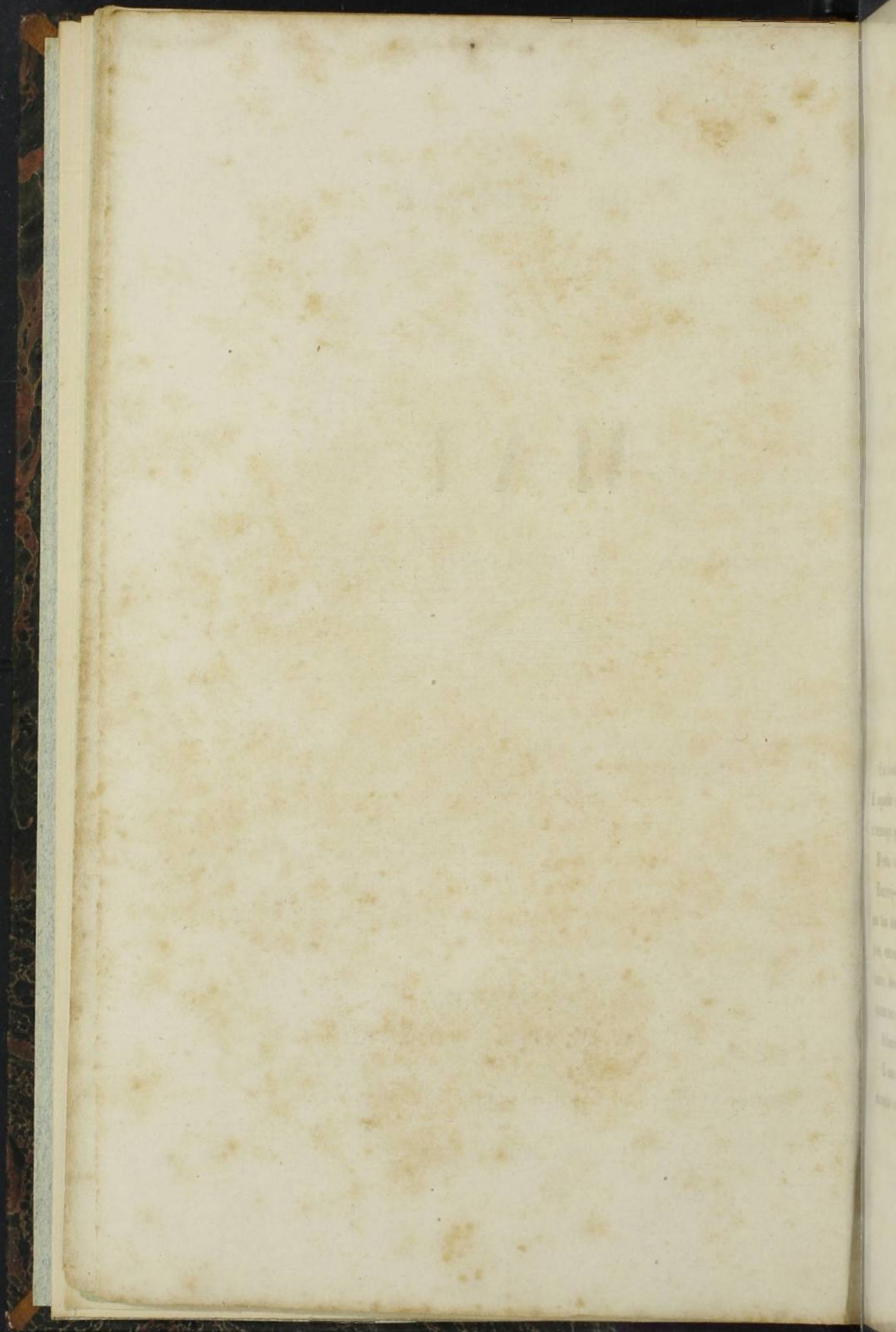
RIO DE JANEIRO

B. L. GARNIER, EDITOR

69, RUA DO OUVIDOR, 69

PARIS, AUGUSTO DURAND, LIVREIRO, RUA DES GRÈS, 7

Ficção reservados os direitos de propriedade



A MINHA MÃI

E MINHA SENHORA

D. ANNA J. DE ALENCAR

Mãe,

Em todos os meus livros ha uma pagina que me foi inspirada por ti. É aquella em que falla esse amor sublime que se reparte sem dividir-se e remoeça quando todas as affeições caducão.

D'esta vez não foi uma pagina, mas o livro todo.

Escrevi-o com o pensamento em ti, cheio de tua imagem, bebendo em tua alma perfumes que nos vêm do céu pelos labios maternos. Se, pois, encontrares ali uma d'essas palavras que dizendo nada exprimem tanto, deves sorrir-te; porque foste tu, sem o querer e sem o saber, quem me ensinou a comprehender essa linguagem.

Acharás n'este livro uma historia simples; simples quanto póde ser.

É um coração de mãe como o teu. A differença está em que a Providencia o collocou o mais baixo que era possível na escala social, para

que o amor extreme e a abnegação sublime o elevassem tão alto, que ante elle se curvassem a virtude e a intelligencia; isto é, quanto se apura de melhor na lia humana.

A outra que não a ti causaria reparo que eu fosse procurar a maternidade entre a ignorancia e a rudeza do captiveiro, podendo encontral-a nas salas trajando sedas. Mas sentes que se ha diamante inalteravel é o coração materno, que mais brilha quanto mais espessa é a treva. Rainha ou escrava, a mãe é sempre mãe.

Tu me deste a vida e a imaginação ardente que faz que eu me veja tantas veze; viver em ti, como vives em mim; embora mil circumstancias tenham modificado a obra primitiva. Me deste o coração, que o mundo não gastou, não; mas cerrou-o tanto e tão forte, que só, como agora, no silencio da vigilia, na solidão da noite, posso abril-o e vazal-o n'estas paginas que te envio.

Recebe, pois, Mãe, do filho a quem deste tanto, esta pequena parcella da alma que bafejaste.

Rio de Janeiro, 1859.

J. DE ALENCAR.

MÃI

DRAMA EM QUATRO ACTOS

Representado no Gymnasio Dramatico em 1860

PERSONAGENS.

DR. LIMA.	SRS. JOAQUIM AUGUSTO.
JORGE.	PAIVA.
GOMES.	HELLER.
PEIXOTO.	MILITÃO.
VICENTE.	GRAÇA.
ELISA.	SRS. LUDOVINA.
JOANNA.	VELLUTI

A scena é no Rio de Janeiro.

A época 1855.

Este drama não pôde ser representado sem licença do autor.

MÃI

ACTO PRIMEIRO

Em casa de Gomes. Sala de visitas.

SCENA PRIMEIRA

ELISA e GOMES.

GOMES.

Já estás cosendo, minha filha?

ELISA.

Acordei tão cedo... Não tinha que fazer.

GOMES.

Porque me occultas o teu generoso sacrificio?... Cuidas que não adivinhei?

ELISA.

O que, meu pai?... Que fiz eu?...

GOMES.

São as tuas costuras que têm supprido esta semana as nossas despesas. Conheceste que eu não tinha dinheiro para os gastos da casa, e não me pediste... trabalhaste!

ELISA.

Não era a minha obrigação, meu pai?

GOMES.

Oh! É preciso que isto tenha um termo!

ELISA.

Tambem hoje é 3 do mez... Vm. receberá o seu ordenado.

GOMES.

Meu ordenado?... Já o recebi.

ELISA.

Ah! Preciou d'elle para pagar a casa?

GOMES.

Depois que morreu tua mãe, Elisa, tenho soffrido muito. Além d'essa perda irreparavel, as despeças da molestia me atrasarão de modo, que não sei quando poderei pagar as dividas que pesão sobre mim.

ELISA.

E são muitas?

GOMES.

Nem eu sei... Já perdi a cabeça! Mas isto vai acabar... Não é possível viver assim.

ELISA.

Que diz, meu pai!

GOMES.

Perdôa, Elisa. Foi um grito de desespero... Às vezes, confesso-te, tenho medo de enlouquecer! Até logo.

SCENA II

ELISA e JOANNA.

JOANNA.

Bom dia, iaiã.

ELISA.

Adeos, Joanna.

JOANNA.

Iaiá está boa?

ELISA.

Boa, obrigada.

JOANNA.

Sr. Gomes já foi para a repartição...

ELISA.

Sahio agora mesmo.

JOANNA.

Encontrei elle na escada. Hoje não é dia de lição de nhonhô Jorge?

ELISA.

Segunda-feira... E', e ainda nem tive tempo de passar os olhos por ella.

JOANNA.

Então como ha de ser?

ELISA.

Estou acabando esta costura. Já vou estudar.

JOANNA.

Pois enquanto iaiá cose, eu vou arrumando a sala :
póde vir gente.

ELISA.

Mas, Joanna... Teu senhor não ha de gostar d'isto!

JOANNN.

De que, iaiá?

ELISA.

Tu nos serves, como se fosses nossa escrava. Todas
as manhãs vens arranjar-nos a casa. Varres tudo, es-
panas os trastes, lavas a louça e até cozinhas o nosso
jantar.

JOANNA.

Ora, iaiá! que me custa a fazer isso?... Nhonhô sahe
muito cedinho, logo ás 7 horas; eu endireito tudo lá
por cima, n'um momento, porque tambem tem pouco
que fazer; e depois venho ajudar a iaiá, que se mata com
tanto trabalho.

ELISA.

E o Sr. Jorge sabe d'isto?

JOANNA.

Que tem que saiba?... Não é nada de mal!

ELISA.

Muitos senhores não gostão que seus escravos sirvão a pessoas estranhas.

JOANNA.

Iaiá não é nenhuma pessoa estranha... Depois, Vm. não conhece meu nhonhô?... Não sabe como elle é bom?...

ELISA.

Oh! sei!... Ha um anno que é nosso vizinho, e n'esse pouco tempo quanto lhe devemos!

JOANNA.

Mas iaiá é uma moça bonita!... E eu que sou sua mulata velha... Desde que nhonhô Jorge nasceu, que o sirvo, e nunca brigou comigo! Se elle não sabe ralhar... Olhe, iaiá! Todas as festas me dá um vestido novo, vestido bonito... E não dá mais porque é pobre!

ELISA.

Foste tu que o criaste?

JOANNA.

Foi, iaiá. Nunca mamou outro leite senão o meu...

ELISA.

E porque elle não te chama — *mamãi Joanna?*

JOANNA.

Mamãe!... Não diga isto, iaiá!

ELISA.

De que te espantas? Uma cousa tão natural!

JOANNA.

Nhonhô não deve me chamar assim!... Eu sou escrava, e elle é meu senhor.

ELISA.

Mas é teu filho de leite.

JOANNA.

Meu filho morreu!

ELISA.

Ah! Agora comprehendo!... Esse nome de mãe te lembra a perda que soffreste!... Perdôa, Joanna.

JOANNA.

Não tem de que, iaiá. Mas Joanna lhe pede... Se não quer ver ella triste, não falle mais n'isto.

ELISA.

Eu te prometto.

JOANNA.

Obrigada, iaiá.

Pausa.

ELISA.

Devem ser perto de nove horas... O Sr. Jorge não
tarda.

JOANNA.

E mesmo!... Elle que vem sempre á hora certa.

ELISA.

Nem tenho vontade de estudar.

JOANNA.

Estão batendo.

SCENA III

ELISA. JOANNA e PEIXOTO.

PEIXOTO.

Viva, minha senhora! O Sr. Gomes?

ELISA.

Ha pouco sahio.

PEIXOTO.

Já sahio! Tão cedo!... Ainda não são nove horas.

JOANNA.

Meu senhor, elle teve que fazer.

PEIXOTO.

Nem de proposito! Sempre que o procuro, o Sr. Gomes não está em casa.

ELISA.

O senhor não quer sentar-se?

PEIXOTO.

Obrigado ; tenho pressa.

ELISA.

Porque não o procura na repartição?

PEIXOTO.

Não estou para isso. Queira dizer-lhe que o Peixoto aqui veio e voltará dentro de meia hora.

ELISA.

Sim, senhor.

PEIXOTO.

Sem mais!

SCENA IV

JOANNA e ELISA.

JOANNA.

Cruzes!... Que homem grosseiro, minha Virgem Santíssima!... Um senhor assim era um purgatório.

ELISA.

Coitado! A culpa não é d'elle!

JOANNA.

De quem é então?

ELISA.

Dos pais, que não lhe souberão dar educação.

JOANNA.

Que bom coração tem iaiá!... Desculpa tudo.

ELISA.

Para que me desculpem também os meus defeitos,
Joanna.

JOANNA.

E' o que iaiá não tem. Oh! Joanna sabe conhecer a

gente! E então iaiá, que está mesmo mostrando o que é, n'esse rostinho de prata!

ELISA.

Deixa-te d'isso, Joanna.

JOANNA.

Ah! se iaiá soubesse como eu lhe quero bem!...

ELISA.

Assim te pudesse eu agradecer, como desejava!

JOANNA.

Inda mais, iaiá?!

ELISA.

Estás brincando!... Nunca te dei nada.

JOANNA.

Então, iaiá!... Cuida que é pouco ver meu nhonhô feliz?

ELISA.

Joanna!...

JOANNA.

Não se zangue, não, iaiá, com sua mulata velha.

ELISA.

Para que fallas d'essas cousas? Não gosto.

JOANNA.

Está bom! Eu calo a boca. Então elle não merece?

ELISA.

Merece muito mais; porém...

JOANNA.

Ora, iaiá!... Não disfarce!...

ELISA.

Outra vez?

JOANNA.

Eu só peço uma cousa. Nosso Senhor não me mate sem que eu veja isso. Ha de ser uma festa!...

ELISA.

Queres que eu me agaste devêras, heim?

JOANNA.

Não, iaiá, não! Mas que noivo bonito, e a noiva, hi!... Feitinhos um para o outro!

ELISA.

Eu te peço, Joanna...

JOANNA.

N'esse dia... Olhe, iaiá! Hei de pôr meu cabeção novo, como as mulatinhas da Bahia... Que pensa! Não faça

pouco na sua escrava, iaiá! Joanna tambem já foi moça... sabia riçar o pixaim e bater com o tacão da chineliha na calçada; só — taco, taco, tataco!... Oh! hei de me lembrar do meu tempo... Se eu já estou chorando de contente!... E meu nhonhô como não ha de ficar alegre!....

ELISA.

Não gosto d'estas graças, já te disse.

JOANNA.

Que mal faz? E' uma cousa que ha de acontecer.

ELISA.

Estás bem livre!

JOANNA.

Se iaiá não pagasse a meu nhonhô todo o bem que elle lhe quer...

ELISA.

Que farias?

JOANNA.

Eu, iaiá?... Nada! Que pôde fazer uma escrava?... Mas iaiá era ingrata!

ELISA.

Pois serei.

JOANNA.

Iaiá jura?... Não é capaz!... Nem que esse coração não estivesse ahi saltando!

ELISA.

Se continuas... Vou-me embora!

Batem.

JOANNA.

Querem ver que é nhonhô!

ELISA.

Bico!... Ouviste?

JOANNA.

Joanna sabe guardar um segredo, iaiá.

SCENA V

AS MESMAS e JORGE.

JORGE.

Como passou, D. Elisa?... Ah! Joanna está lhe fazendo companhia!

ELISA.

Veio conversar comigo.

JORGE.

Quando precise de mandar por ella fazer alguma cousa, não tenha acanhamento, D. Elisa.

ELISA.

Já lhe sou tão obrigada, Sr. Jorge!

JOANNA.

Eu não lhe disse, iaiá?

JORGE.

O que?

JOANNA.

Não vê, nhonhô, que estes dias, desde que o escravo do Sr. Gomes foi doente para a Misericordia, eu venho fazer algum serviço, pouco...

JORGE.

Tu és sempre boa, Joanna!

JOANNA.

Não diga isso, nhonhô!

JORGE.

Digo, sim! — D. Elisa, creio que minha mãe, a quem não conheci, não me teria mais amor do que esta segunda mãe, que me criou.

JOANNA.

Hô gente, nhonhô! Isso são modos de tratar sua escrava?

ELISA.

O senhor tem razão, Sr. Jorge.

JOANNA.

Não tem! Não tem!

ELISA.

Basta ouvil-a fallar do senhor.

JORGE.

Ah! Ella fallou-lhe de mim?... Que disse?...

JOANNA.

Nada, nhonhô.

ELISA.

Em outras palavras, o que o senhor acaba de repetir.

JOANNA.

Iaiá!... Eu disse que queria bem a meu senhor, como uma escrava póde querer... só!

JORGE.

Como uma escrava!... Sentes ser captiva, não é?

JOANNA.

Eu!... Não, nhonhô! Joanna é mais feliz em servir seu senhor, do que se estivesse forra.

JORGE.

Bem sabes! Hoje é o dia de meus annos. Tenho um presente para ti.

JOANNA.

Nhonhô já me deu um este mez.

JORGÉ.

Não faz mal. Pudesse eu dar-te quantos desejo. — Vamos á nossa lição, D. Elisa?

ELISA.

Quando o senhor quizer.

JOANNA.

E eu vou cuidar da minha cozinha.

SCENA VI

JORGE e ELISA.

JORGE.

Acho-a triste hoje.

ELISA.

E' engano seu. Nunca fui alegre.

JORGE.

Perdão! Quando a conheci, a senhora tinha mais vivacidade do que tem hoje. Também não se diverte, não passêa.

ELISA.

Sou pouco amiga de passear.

JORGE.

Mas é necessario ter uma distracção.

ELISA.

Tinha uma de que muito gostava.

JORGE.

Qual?

ELISA.

A musica, mas...

JORGE.

Mas tambem enfastia. Não é?

ELISA.

A mim, nunca.

JORGE.

Pois está em suas mãos cultivar-a

ELISA.

Se estivesse!...

JORGE.

Não a compreendo.

ELISA.

Escute, Sr. Jorge. Ha dias que tenciono dizer-lhe...
porém falta-me o animo.

JORGE.

O que?... Diga, D. Elisa.

ELISA.

Não posso continuar com as lições.

JORGE.

Ah!... Tem outro mestre?

ELISA.

Não seja injusto! Que melhor mestre podia achar do
que o senhor?... Eu é que não quero mais estudar.

JORGE.

Porque, minha senhora?

ELISA.

Não lhe posso dizer.

JORGE.

Desculpe, se commetti uma indiscrição.

ELISA.

Nenhuma... E demais, é preciso que o senhor saiba...
Meu pai não pôde... pagar-lhe...

JORGE.

A senhora me offende, D. Elisa!... Exigi alguma
coisa?

ELISA.

Oh! não!... E é por isso que lh'o disse... Já lhe deve-
mos seis mezes...

JORGE.

Não falle n'isto! Nunca foi minha intenção receber paga
de tão pequeno serviço. Ao contrario, tinha-me por feliz
em poder prestal-o.

ELISA.

Mas eu é que não devo.

JORGE.

Porque me recusaria isto? Assim, fique tranquilla.
Continuaremos com as nossas lições.

ELISA.

Como?... Não tenho piano.

JORGE.

E este?

ELISA.

Meu pai quer vendê-lo... Precisa...

JORGE.

E' só esse o motivo?... Eu lhe emprestarei o meu.
Nunca toco.

ELISA.

Ainda quando aceitasse, que não devia, o seu delicado
offerecimento, Sr. Jorge, era impossivel continuar.

JORGE.

Entendo, D. Elisa. A senhora procura um pretexto
para despedir-me; e eu estou torturando-a com a mi-
nha insistencia.

ELISA.

Sr. Jorge!...

JORGE.

Desculpe. Se tivesse percebido, ha muito que me teria
retirado.

ELISA.

Meu Deos! Não me obrigue a confessar-lhe tudo!

JORGE.

Adeos, minha senhora!

ELISA.

Mas, Sr. Jorge...

JORGE.

Tenho a consciencia de que nunca lhe faltei ao respeito que devia...

ELISA.

Pois bem!... O senhor quer. Eu preciso trabalhar!... Preciso ganhar para viver!

JORGE.

A senhora, D. Elisa?

ELISA.

Bem vê que não tenho nem tempo, nem vontade para estudar!

JORGE.

Perdõe-me! Estava tão longe de suspeitar!

ELISA.

Ainda suppõe que seja um pretexto?

JORGE.

Esqueça o que lhe disse.

ELISA.

Só me lembro do que lhe devemos.

Pausa.

JORGE.

Ouçá-me, D. Elisa, e sirvão-me as suas lagrimas de testemunhas perante Deos. Ha muito tempo que trabalho para conseguir uma posição digna de lhe ser offerecida. Quer dar-me o direito de partilhar a sua sorte?... Responda-me! Eu lhe supplico!

ELISA.

Não!... Não posso responder-lhe!... Nem aceitar.

JORGE.

Porque é pobre?... Tambem eu o sou! Seremos dous a lutar.

ELISA.

Meu pai. . lhe dirá... Eu não!

JORGE.

Era minha intenção fallar-lhe; mas antes quero o seu consentimento. Recusa-me?

ELISA.

Não sei!

JORGE.

Elisa!...

ELISA.

Falle!..

JORGE.

Obrigado, minha mulher!...

ELISA.

Não me chame assim!

JORGE.

Esse título me impõe o dever de fazer a sua felicidade, e me dá o direito de velar sobre a sua existencia.

ELISA.

Se meu pai não se oppuzer.

JORGE.

Ainda quando elle se opponha, Elisa. Não contrariaremos a sua vontade, não esqueceremos os nossos deveres; mas a alliança pura de duas almas que se comprehendem tem a sua religião.

ELISA.

E' meu pai!...

JORGE.

Vem a proposito.

ELISA.

Mas não lhe falle agora, não.

SCENA VII

OS MESMOS e GOMES.

JORGE.

Bom dia, Sr. Gomes!...

GOMES.

Ah!... Como passou, Sr. Jorge?... Desculpe!... Não
tinha visto (senta-se-distante).

JORGE.

Permitte que continuemos?

GOMES.

Pois não!

JORGE, a Elisa.

Não quer dar a sua lição?

ELISA, a meia voz.

Não posso cantar agora!... Não vê como estou to
tremula!

JORGE.

Pois toque um pouco

GOMES, sentindo a falta do relógio.

Ah!... Que horas são?... Deixei o meu relógio a concertar.

JORGE.

Nove e vinte.

GOMES.

Já?... Não chega!... Que martyrio!...

ELISA.

Que tem, meu pai?

GOMES.

Nada! Deixa-me! Estou afficto!... Espero uma resposta.

ELISA.

Vm. está tão descorado!

GOMES.

E' o calor... o cansaço, talvez! Não te inquietes.

JORGE, a Elisa.

Seu pai está incommodado. Naturalmente deseja ficar só. Até logo.

ELISA.

Sim! Até logo.

JORGE.

Não se esqueça que me deu o direito de viver para a sua felicidade.

ELISA.

E' cousa que se esqueça nunca?

JORGE.

Se houver alguma novidade, mande-me chamar.

ELISA.

Immediatamente.

JORGE.

Sr. Gomes!...

GOMES.

Já vai?

JORGE.

Quando poderei fallar-lhe hoje, que menos o incomode?

GOMES.

A' tarde... ou á noite.

JORGE.

Eu passarei á noite. (Volta) Uma carta que acabão de entregar.

GOMES.

Ah!...

SCENA VIII

GOMES e ELISA.

GOMES, lendo.

« Sinto muito... porém...[as minhas circumstancias...] É o que todos respondem!... Infames! Não se lembrão que se hoje lhes peço as migalhas, já lhes dei a abastança.

ELISA.

Que diz essa carta, que o agonia tanto, meu pai?

GOMES.

O que ha de ser, minha filha?!... Mais um ingrato a quem estendo a mão e que me repelle com o pé.

ELISA.

Não lhes peça nada!.... Olhe : o nosso trabalho bastará para vivermos! Guarde o seu ordenado para pagar casa e vestirmos. Eu não preciso de nada. Das

minhas costuras tirarei o necessario para os gastos
ordinarios.

GOMES.

Não te illudas, Elisa! Pódes te matar, mas não farás
impossiveis.

ELISA.

Ha de ver.

SCENA IX

OS MESMOS e VICENTE.

VICENTE.

O Sr. Gomes, empregado publico...

GOMES.

Que deseja?

VICENTE.

E' V. S.?

GOMES.

Um seu criado.

VICENTE.

Então permitta... Cito-o pela petição *supra* e seu des-

pacho, do teor seguinte : — « Illm. Sr. Dr. Juiz Municipal da 5ª vara. Diz... »

GOMES.

Peço-lhe que me dispense d'essa formalidade.

VICENTE.

Prescinda da leitura, neste caso?

GOMES.

Sei de que se trata. E' do meu senhorio?

VICENTE.

Justamente! Mandado de despejo, dentro de 24 horas por não pagamento de alugueis.

ELISA.

Meu Deos!

GOMES.

Estou sciente, senhor.

ELISA.

Mas então, meu pai?...

GOMES.

Tudo nos persegue, minha filha.

VICENTE.

V. S. tem á mão papel e tinta para passar a contra-fé.. senão dou um pulo á venda defronte.

ELISA.

Aqui tem, senhor.

VICENTE.

Qualquer penna serve.

ELISA.

O senhor não poderá fazer alguma cousa a favor de meu pai?

VICENTE.

Sou suspeito, Sra. Dona... Official do juizo!

ELISA.

Então amanhã vem deitar-nos fóra de casa?

VICENTE.

Qual!... O senhor seu pai não tem avogado? E' pedir vista... embargos... agravo... Lá o doutor sabe bem d'isso! Tem chicana para um anno!

ELISA.

Ouve, meu pai? — Ainha ha remedio.

GOMES.

Se eu tivesse dinheiro para pagar a advogados... Mas n'esse caso pagaria antes ao meu credor, cuja divida é justa.

VICENTE.

E' V. S. o primeiro réo que o confessa!

SCENA X

OS MESMOS e PEIXOTO.

PEIXOTO.

Com licença!

GOMES.

Quem é?

ELISA.

Ah! É o senhor, que ha pouco o procurou, meu pai.

PEIXOTO.

Finalmente achei-o em casa.

GOMES.

Sr. Peixoto, não me nego a pessoa alguma.

PEIXOTO.

Não digo o contrario mas é difficil de encontrar.

VIMENTE.

V. S. paga a contra-fê?

ELISA.

Quanto é?

GOMES.

Não tenho com que pagar, senhor.

VICENTE.

Bem. É só para declarar.

PEIXOTO.

Hum!... Já lhe anda esta gente por casa... Mão signal!

VICENTE.

Viva, Sr. Peixoto! (a Gomes) Aqui tem!

GOMES.

Não preciso d'este papel.

VICENTE.

Em todo o caso ahí fica. A's ordens! Queira desculpar!

PEIXOTO, a meia voz.

Que foi isso?

VICENTE, idem.

Despejo!

PEIXOTO.

Mão!

GOMES.

Elisa, vai para dentro. Deixa-me conversar com o senhor.

SCENA XI

GOMES e PEIXOTO.

PEIXOTO.

Sabe o que me traz aqui?

GOMES.

Sim, senhor. Não lhe posso pagar.

PEIXOTO.

Essa é boa! Porque?

GOMES.

Porque não tenho dinheiro.

PEIXOTO.

Veremos.

GOMES.

Enquanto conservei uma esperança, pedi-lhe que tivesse paciência. Hoje nada espero; nada peço.

PEIXOTO.

Que fez do ordenado?

GOMES.

Descontei-o seis mezes adiantados para viver.

PEIXOTO.

A sua mobilia?

GOMES.

Já não é minha. A pessoa que a comprou deixou-me alugada; e como não lhe tenho pago os alugueis, vem buscal-a amanhã.

PEIXOTO.

E os escravos que possuia?

GOMES.

O ultimo sahio d'esta casa sob o pretexto de ir para a Misericordia, afim de que minha filha ignorasse... Foi penhorado!

PEIXOTO.

Mas ha pouco vi aqui uma mulata.

GOMES.

Era talvez a escrava de meu vizinho do segundo andar.

PEIXOTO.

Ah! E' verdade. Conheço-a! Do Sr. Jorge?

GOMES.

Sim, senhor.

PEIXOTO.

Assim, nada lhe resta?

GOMES.

Nada absolutamente! Estou na miseria!

PEIXOTO.

Pois não sei como ha de ser. Não estou disposto a perder o meu dinheiro.

GOMES.

Se eu pudesse vender-me para pagar-lhe, creia que não hesitaria. Não posso. Que hei de fazer?

PEIXOTO.

O senhor não sabe?

GOMES.

Sei!...

PEIXOTO.

É arranjar dinheiro, se não quer ir parar à cadeia.

GOMES.

O senhor insulta-me!

PEIXOTO.

Se acha que isto é um insulto, n'esse caso é a lei, não sou eu, quem o insulta.

GOMES.

Commetti algum crime?... E' culpa minha se não tenho com que pagar-lhe?...

PEIXOTO.

Se fosse só isso!

GOMES.

Explique-se!

PEIXOTO.

É muito simples. O senhor negociou comigo uma lettra de quinhentos mil réis. Tinha o seu aceite; mas estava sacada e endossada pelo Sr. Francisco de Faria, negociante d'esta praça.

GOMES.

E o senhor deu-me por ella quatrocentos mil réis, dos quaes ainda tive de pagar cincoenta ao Sr. Faria.

PEIXOTO.

Esta não é a questão. O saque e o endosso são falsos.

GOMES.

Falsos!...

PEIXOTO.

Faria nunca sacou lettras.

GOMES.

Mas então quem era a pessoa com quem tratei?

PEIXOTO.

É cousa que não me interessa. O senhor responderá á policia.

GOMES.

A policia?... Eu!

PEIXOTO.

Está bem visto!... A letra foi negociada com o senhor. Tenho testemunhas. Que me importa essa pessoa?

GOMES.

Mas, senhor, não é possível!... Não se condemna assim um homem que não tem notas na sua vida.

PEIXOTO.

Sr. Gomes, acabemos com isto!... Não lhe quero fazer mal; porém, se ás cinco horas da tarde o senhor não tiver o dinheiro para pagar-me, ás seis apresento a letra na policia.

GOMES.

Dê-me tempo ao menos para procurar o homem com quem tratei.

PEIXOTO.

E o senhor tratou com quem?

GOMES.

Infame!... Duvida de minha palavra!

PEIXOTO.

Ah! Quer brigar? Não estou disposto. Até ás cinco horas.

GOMES.

Meu Deus! Condemnado como um falsario!... Não! Já resisti por muito tempo!

SCENA XII

GOMES e ELISA.

ELISA.

Meu pai!...

GOMES.

Tu ouviste, minha filha?

ELISA.

Ouvi tudo.

GOMES.

Pois então ouve o resto.

ELISA.

Socegue primeiro.

GOMES.

Não ha socego n'estes transes. Acabas de saber que estamos na miseria; nada temos, nada devemos esperar. Mas isto não era bastante; ahi vem a deshonra coroar a miseria.

ELISA.

Mas o que disse aquelle homem é uma mentira, não é?

GOMES.

Tu duvidaste um momento da probidade de teu pai?

ELISA.

Oh! Não, não!

GOMES.

Se eu quizesse, já não digo roubar, mas transigir com a minha consciencia, os que agora nos desprezão,ahi estarião ainda nos importunando com a sua amizade fingida e hypocrita.

ELISA.

Não se defenda, meu pai. Eu creio na sua honra, como creio em Deos. Se lh'o perguntei é porque desejava ouvir de sua boca o desmentido de semelhante calumnia.

(Pausa.)

GOMES.

Elisa, minha filha!... Este ultimo golpe é mais forte que a minha razão. Muitas vezes já a minha coragem vacillou encarando a miseria: um projecto louco me passou pelo espirito, e esteve bem prestes a realisar-se. Resisti, lembrando-me de ti. A' vergonha, á infamia, minha filha, não posso... não sei resistir!

ELISA.

Não pense n'isto, meu pai.

GOMES.

Quando não se pôde viver honrado, morre-se

ELISA.

Quer-se matar!

GOMES.

Isto é vida?...

ELISA.

Meu Deus!... Por piedade!

GOMES.

É necessario!

ELISA.

E eu, e sua filha? Deixa-a ao desamparo?

GOMES.

Preferes que a arraste á vergonha?... Não sentes que vais perder teu pai?... Escolhe! Vêl-o infame nas galés, ou choral-o morto, porém honrado.

ELISA.

Mas ainda pôde salvar-se!... Não ha de ser condemnado, não!

GOMES.

Reflecti, Elisa. Que defesa tenho eu?... A minha pala-

vra. E isto basta? Sem dinheiro, sem amigos?... Só me resta uma esperança; e é que esse homem não cumpra o que disse. Mas essa... Não acredito n'ella.

ELISA.

Porque?... Esse homem deve ter um coração! Eu lhe supplicarei de joelhos.

GOMES.

Tu sabes se te quero, Elisa, e com que extremos te amo. A unica dôr que levo d'esta vida é deixar-te!... Uma meniua de 18 annos, sempai, sem mãi, ao desamparo, é um anjo perdido n'este mundo torpe. Toda a sua virtude não basta ás vezes para defendêl-a. Succumbe á necessidade implacavel...

ELISA.

E quer me abandonar!

GOMES.

Sou eu que te abandono, Elisa, ou é a fatalidade que me arranca de teus braços?

ELISA.

Deos se ha de condoer de nós!

GOMES.

Se te sentes com força de lutar, minha filha, talvez a felicidade te depare um homem que te ame, e proteja a tua orphandade.

ELISA.

E porque não nos protegerá a ambos?

GOMES.

Eu já não preciso senão do perdão do Senhor e do teu. — Se porém te sentes fraca... Não te aconselho... Não digo que o faças... Segue o impulso de tua alma...

ELISA.

Acabe, meu pai!

GOMES.

O que ficar d'este vidro...

ELISA.

Ah!

GOMES.

É a unica herança de teu pai, Elisa.

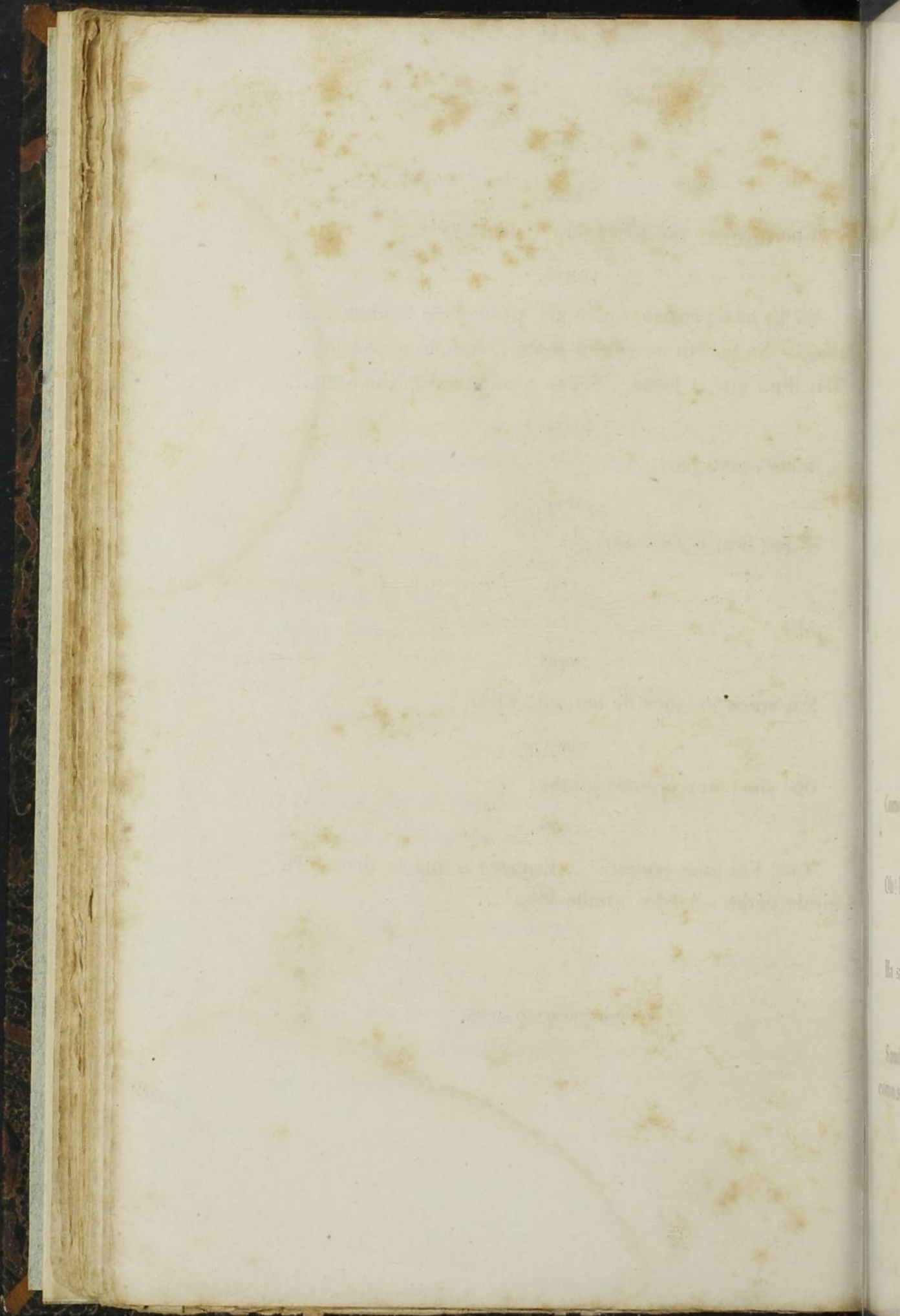
ELISA.

Oh! sim! Morreremos juntos!

GOMES.

Não! Foi uma loucura!... Esquece o que te disse! Tu ainda pôdes ser feliz, minha filha!...

FIM DO PRIMEIRO ACTO.



ACTO II

Em casa de Jorge. Sala simples, mas elegante.

SCENA PRIMEIRA

JOANNA e VICENTE.

VICENTE.

Como vai isto por cá?

JOANNA.

Oh! Bilro!... Vamos indo, como Deos é servido!

VICENTE.

Ha saude e patacos, é o que se quer.

JOANNA.

Saude não falta, não, Bilro! No mais vai-se vivendo,
como se pôde.

VICENTE.

Olhe, Sra. Joanna... Ha muito que estou para lhe pedir uma cousa.

JOANNA.

Sra. Joanna!... Estás doudo, Bilro?

VICENTE.

Não, mas é que... Sim... Bem vê que tenho hoje uma posição... E este modo de chamar a gente de Bilro...

JOANNA, rindo.

Ah! ah! ah!... Então porque és pedestre, ou meirinho... Não sei o que!

VICENTE.

Menos isso!... Official de justiça!

JOANNA.

Pois que seja... Official da justiça, ou da injustiça... Porque és isto, julgas que ficas deshonrado se eu te chamar Bilro?... Ora, não vejão só este meu senhor! Que figurão!... V. S. faz obsequio... ou V. Ex.?... Queira ter a bondade... Por quem é... Sr. Vicente...

VICENTE.

Romão... Romão...

JOANNA.

Sr. Vicente Romão. Queira desculpar!... sem mais aquella.

VICENTE.

Está zombando.

JOANNA.

Hô!... Não é assim que devo tratá-lo?...

VICENTE.

Toma o recado na escada... Eu por mim não me importava; mas fallão.

JOANNA.

Pois olha! Cá comigo está se ninando!... Eu te conheci assim tamaninho, já era rapariga, mucama de minha senhora moça, que Deus tem, e foi sempre Bilro para lá, tia Joanna para cá. Se quizeres ha de ser o mesmo... senão, passar bem. Ninguem ha de morrer por isso.

VICENTE.

Mas, Joanna...

JOANNA.

Tia Joanna!

VICENTE.

Está bom, para fazer-lhe a vontade... Tia Joanna!... Não era melhor que a gente se tratasse como os outros?...

JOANNA.

Não sei se é melhor, se não... Quando te vir hei de chimpá-te com o Bilro na venta.

VICENTE.

Não tem graça nenhuma.

JOANNA.

Se te parecer não responde : é o mesmo.

VICENTE.

Em teima ninguém lhe ganha!... Não vê que é preciso a gente dar-se a respeito.

JOANNA.

Dá-te a respeito lá com as outras. Comigo estás bem aviado.

VICENTE.

Pois é isto que eu quero! Não me entendeu... Diante dos outros a senhora... a tia Joanna que lhe custa me chamar Vicente?

JOANNA.

Diante dos outros?... Pois sim! Mas olha que é Vicente só!

VICENTE.

Vicente Romão... É mais cheio.

JOANNA.

Uma figa!... Nem Romão, nem senhor! Vicente.

VICENTE.

Emfim! Era melhor o nome todo... Não quer! Que se lhe ha de fazer!

JOANNA.

Então não perguntas por nhonhô Jorge ?

VICENTE.

Ia perguntar; mas Vm...

JOANNA.

Vm... Hein... Bilro...

VICENTE.

Você me atrapalhou, tia Joanna. Como está elle, o Sr. Jorge? Está bom?

JOANNA.

Bom e crescido que faz gosto... Se tu o vires!

VICENTE.

Não ha quinze dias que estive com elle.

JOANNA.

Pois faz sua differença!... Todos os dias parece que fica mais alto e mais serio... Eu acho elle tão bonito, meu Deos!

VICENTE.

Pudera não! Você o criou!

JOANNA.

E tu não achas?

VICENTE.

Então! E' preciso que diga.

JOANNA.

Já lhe sahio todo o buço.

VICENTE

Tambem elle já anda rastejando pelos vinte e um.

JOANNA.

Completou hoje, Bilro.

VICENTE.

E' verdade. — Ora tia Joanna! Já estamos ficando velhos. Inda me parece que foi outro dia que você dava de mamar a elle.

JOANNA.

Como me lembra!... Eu tinha dezeseite annos, e tu eras um pirralho de oito. Vinhas bulir com elle no meu collo; e como eras muito travesso nós te começámos a chamar Bilro. Nunca estavas quieto!

VICENTE.

E aquella vez que um sujeito fez-me por força levar-lhe um recado... Quando a gente é criança faz cada uma!

JOANNA.

Doeu-te o puxão de orelha que te dei?

VICENTE.

Oh! se doeu!... Tambem nunca mais!

JOANNA.

E perdias teu tempo!

VICENTE.

Lá isso eu sempre disse... Nunca houve mulatinha que se dêsse mais a respeito do que tia Joanna. Pois em casa punhão a boca em todos; mas d'ella não tinhão que mexericar.

JOANNA.

Não falla mais n'isso, Biltro. A gente tem vontade de chorar.

VICENTE.

E mesmo, tia Joanna. Bom tempo! Sr. doutor só fazia ralhar. Tirante d'isso, era bon amo.

JOANNA.

Tens tido noticias d'elle?

VICENTE.

Depois que foi viajar, nunca mais soube por onde anda.

JOANNA.

E a comadre Rosa que elle vendeu a um homem da rua da Alfandega?

VICENTE.

Essa morreu... O André está cocheiro na praça.

JOANNA.

Cada um para sua banda.

VICENTE.

Vou indo tambem para a minha. Adeos, tia Joanna.

JOANNA.

Agora até quando?

VICENTE.

Não sei! Hoje como tive que fazer por aqui, então disse cá com os meus botões : — Deixa-me ver a tia Joanna. — Já vi... Estão batendo.

JOANNA.

Vê quem é.

VICENTE.

Póde entrar.

SCENA II

OS MESMOS e DR. LIMA.

DR. LIMA.

Ainda se lembrão por aqui do amigo velho?

JOANNA.

Ah! Meu senhor Dr. Lima. Ha que annos!...

VICENTE.

Sr. doutor!...

DR. LIMA.

Esqueceste que parti para Europa.

JOANNA.

Não esqueci, não... meu senhor. Ainda ha pouco estava fallando n'isso.

DR. LIMA.

Cheguei hoje pelo paquete. Acabo de desembarcar. Que de Jorge?

JOANNA.

Sahio. Que alegria elle vai ter!... Mas como meu senhor acertou com a casa?

DR. LIMA.

Custou-me!... Já andei por ahi á matroca. Na rua do Conde é que me ensinarão.

VICENTE.

O vizinho de defronte?

DR. LIMA.

Justamente! Mas eu estou reconhecendo esta figura...

JOANNA.

O ciganinho, pagem de meu senhor...

DR. LIMA.

Ah! O grande Bilro!

VICENTE.

Vicente Romão, Sr. doutor.

DR. LIMA.

Como vais?... Que fazes?... Estás mais bem comportado? .

JOANNA.

É official de justiça.

DR. LIMA.

Escolheste um bom emprego, Bilro.

VICENTE.

Vicente Romão, Sr. doutor. Mas então V. S. acha?

DR. LIMA.

O que, homem?...

VICENTE.

Bom o meu emprego?

DR. LIMA.

De certo! Precisas viver bem com a justiça.

VICENTE.

Pego vista para embargos, Sr. doutor; não tenho culpas no cartorio.

DR. LIMA.

Bem mostras que és do officio!

VICENTE, a Joanna.

É preciso perder esse máo costume de chamar a gente de ciganinho. Ouvio?!

JOANNA.

Ai!... Começas outra vez com as tuas empafias.

VICENTE.

Que embirrança!...

DR. LIMA.

Que é isso là? Assim é que festejão a minha chegada?

JOANNA.

É Bilro que...

VICENTE.

Não é nada, Sr. doutor; V. S. me dê as suas ordens.

DR. LIMA.

Vai-me ver. Estou no Hotel da Europa.

VICENTE.

Obrigado, Sr. doutor. Até mais ver, tia Joanna.

SCENA III

DR. LIMA e JOANNA.

JOANNA.

Meu senhor não quer descansar?...

DR. LIMA.

Recosto-me aqui mesmo, n'este sofá.

JOANNA.

Já almoçou, meu senhor? Ah! tem café e leite.

DR. LIMA.

Ainda conservo os meus antigos hábitos. A's oito horas já estava almoçado.

JOANNA.

Quem sabe se meu senhor não quer tomar o seu banho?

DR. LIMA.

Não! Vem cá. Senta-te ali.

JOANNA.

Eu converso mesmo de pé com meu senhor.

DR. LIMA.

Como vai teu filho?... Já está um homem?

JOANNA.

Meu senhor!... Eu lhe peço de joelhos... Não diga este nome!

DR. LIMA.

Pelo que vejo o mysterio dura ainda!

JOANNA.

E ha de durar sempre! Meu senhor me prometteu.

DR. LIMA.

Prometti.

JOANNA.

Meu senhor jurou!

DR. LIMA.

É verdade! Mas julgava que na minha ausencia tudo se havia de revelar.

JOANNA.

Elle não sabe nada, e eu peço todos os dias a Deos que não lhe deixe nem suspeitar.

DR. LIMA.

Assim tu ainda passas por sua escrava?

JOANNA.

Não passo, não! Sou escrava d'elle.

DR. LIMA.

Mas Joanna! Isto não é possível!

JOANNA.

Meu senhor... Eu já lhe disse!.... E não cuide que por ter esta côr não hei de cumprir... No dia em que elle souber que eu sou... que eu sou... N'esse dia Joanna vai rezar no céu por seu nhonhô.

DR. LIMA.

E por que razão has de fazer uma tal loucura?

JOANNA.

Porque?... Desde que nasceu ainda está para ser a primeira vez que se zangue comigo. E Vm. quer que se

envergonhe... Que me aborreça talvez!... Meu Deos! Matai-me antes que eu veja essa desgraça!

DR. LIMA.

És tu a culpada?

JOANNA.

Não sei, meu senhor, não sei. A's vezes penso... Quando fazem vinte e um annos eu senti o primeiro movimento d'elle... de meu...

DR. LIMA.

De teu filho. Falla! Que receio é esse?... Estamos sós.

JOANNA.

Vm. não sabe que medo tenho de dizer este nome!... Até à noite quando rezo por elle baixinho... não me atrevo... Elle póde ouvir... Eu posso me acostumar...

DR. LIMA.

Mas dizias?

JOANNA.

Ah! Quando senti o primeiro movimento que elle fez no meu seio, tive uma alegria grande, como nunca pensei que uma escrava pudesse ter. Depois uma dôr que só tornarei a ter se elle souber. Pois meu filho havia de ser escravo como eu? Eu havia de lhe dar a vida para que um dia quizesse mal a sua mãe? Deu-me vontade de morrer para que elle não nascesse... Mas isso era possivel?... Não, Joanna devia viver!

DR. LIMA.

Foi então que Soares te comprou ..

JOANNA.

Elle me queria tanto bem! Deu por mim tudo quanto tinha... Dous contos de réis! Eu fui para sua casa. Ahi meu nhonhô nasceu, e foi logo baptisado como filho d'elle, sem que ninguem soubesse quem era sua mãe.

DR. LIMA.

Desgraçadamente morreu poucos dias depois... Se eu o soubesse então!...

JOANNA.

Mas meu senhor não sabia nada. Fui eu que lhe confessei...

DR. LIMA.

Porque já tinha suspeitado...

JOANNA.

E por isso só, Vm. era capaz de afirmar? Não! Quem lhe contou fui eu, com a condição de não dizer nunca!...

DR. LIMA.

Pois bem, Joanna! Não direi uma palavra. Continuarás a ser escrava de teu filho. Será para elle a dôr mais cruel quando souber...

JOANNA.

Nunca!... Quem vai lhe dizer?... Além de Vm. e de

mim, só Deos sabe este segredo. Emquanto meu senhor estava fóra eu vivia descansada...

DR. LIMA.

E tinhas razão... Presente, vendo-te ao lado de Jorge, não respondo por mim.

JOANNA.

Meu senhor, Vm. teve sua mãe... Lembre-se que dôr a pobre havia de sentir se seu filho tivesse vergonha d'ella!... Não o faça desgraçado! E por causa de quem?... De mim que morreria por elle.

DR. LIMA.

Bem; prometto-te que hei de ter coragem! Virei raras vezes aqui. Evitarei o mais que puder... com receio de me trahir.

JOANNA.

E' melhor. Até Vm. se habituar.

DR. LIMA.

Nunca me habituarei!... Tu não sabes como eu te admiro, Joanna; e como dóe-me no coração ver esse martyrio sublime a que te condemnas.

JOANNA.

Eu vivo tão feliz, meu senhor!

DR. LIMA.

Mas que necessidade tinhas de ser escrava ainda? Não podias estar forra?

JOANNA.

Eu, meu senhor?... Como?

DR. LIMA.

Com o dinheiro que tiravas do teu trabalho, e gastavas na educação de teu filho.

JOANNA.

Nunca pensei n'isso, meu senhor!... Demais, forra podião-me deitar fóra de casa, e eu não estaria mais junto d'elle. A escrava não se despede.

DR. LIMA.

Mas... Estremeço só com esta idéa!

JOANNA.

Qual, meu senhor?

DR. LIMA.

Suppõe que... te vendião.

JOANNA.

Joanna morreria ; porém ao menos deixaria a elle aquillo que custasse... sempre era alguma cousa... Para um moço pobre!

DR. LIMA.

E eu hei de estar condemnado a ouvir Jorge agradecer-me a sua educação que elle deve unicamente a ti; a chamar-me seu segundo pai, ignorando que sua...

JOANNA.

Mais baixo!... Não se zangue, meu senhor!

DR. LIMA.

Sabes que mais! Vou-me embora. Voltarei logo para abraçar Jorge, e não pisarei mais aqui. É uma tortura!

JOANNA.

Adeos, meu senhor! Não se agaste comigo.

DR. LIMA.

Não. Quem sabe se tu não tens razão!

JOANNA.

Deos dê muita felicidade a meu senhor Dr. Lima. (Abre a porta.)

SCENA IV

OS MESMOS e JORGE.

JOANNA.

Ah!

DR. LIMA.

É elle?

JOANNA.

Nhonhô não conhece, não!... Sr. Dr. Lima!

DR. LIMA.

Jorge!

JORGE.

Ah! doutor! — Quando chegou?

DR. LIMA.

Hoje mesmo. E' a minha primeira visita.

JORGE.

E devia ser pelo bem que lhe queremos, eu e Joanna.
Venha sentar-se.

DR. LIMA.

Está um homem!

JOANNA.

Não é, meu senhor doutor?... E um moço bonito! Hi!
Faz andar á roda a cabecinha d'essas moças todas.

JORGE.

Se lhe der ouvidos, doutor, é um não acabar de elogios!... Mas ha cinco annos que está ausente!

JOANNA.

Ha de fazer pela Pascoa.

DR. LIMA.

É verdade. — Deixei-o quasi criança... Tinha dezeseis annos. Acabou os seus estudos naturalmente?

JORGE.

Ainda não.

JOANNA.

É o melhor estudante. Não sou eu que digo!... São os mestres d'elle.

DR. LIMA.

Sempre foi... Que profissão escolheu?

JORGE.

Segui o seu conselho... Estudo medicina; estou no
5º anno.

DR. LIMA.

E de fortuna... Como vamos?

JORGE.

O necessario. As minhas lições...

DR. LIMA.

Ah! Dá lições?... De que?

JORGE.

De musica e de francez.

DR. LIMA.

Lembro-me que tinha muita disposição para o piano.
Cultivou essa arte?

JOANNA.

Toca que faz gosto!... Vm. ha de ouvir.

DR. LIMA.

Sem duvida. E quanto lhe rendem as lições?

JORGE.

Uns cem mil réis por mez.

DR. LIMA.

E' pouco.

JORGE.

Faço tambem algumas traducções que me deixão ás vezes um extraordinario. Joanna por seu lado ganha...

JOANNA.

Quasi nada, nhonhô! Já estou velha. Não coso mais de noite.

JORGE.

Nem eu quero. Foi de passares as noites sobre costura que ias perdendo a vista.

DR. LIMA.

Faz bem em tratá-la com amizade, Jorge. É uma boa...

JOANNA.

Sou uma escrava como as outras.

JORGE.

És uma amiga como poucas se encontrão.

JOANNA.

Ora, nhonhô!...

JORGE.

Sabe, doutor! Creio que foi Deos que o enviou hoje a esta casa.

DR. LIMA.

Por que razão, Jorge?

JORGE.

Eu lhe digo... Vem cá Joanna!... Mais perto!... Quero contar-te uma historia.

JOANNA.

Mas... Eu vou dar uma vista d'olhos lá dentro.

JORGE.

Espera. (Toma-lhe a mão.)

JOANNA.

Que é isso, nhonhô? Já se vio... Que modos?

JORGE.

Olhe, doutor! Estou no meio de minha familia. Meu segundo pai, minha segunda mãe! Não conheci os outros.

DR. LIMA.

Jorge, meu amigo!

JOANNA.

Para que fallar n'estas cousas n'um dia de se estar alegre... Meu senhor doutor chegou... Nhonhô faz annos.

DR. LIMA.

E' verdade!... E' hoje 3 de Fevereiro...

JORGE.

Escolhi justamente este dia para pagar-te uma divida. Quem foi testemunha da dedicação, doutor, verá o reconhecimento.

JOANNA.

Nhonhô, me dê licença!

JORGE.

Toma, Joanna. Eu escrevi-a esta manhã lembrando-me de minha mãe.

DR. LIMA.

Muito bem, Jorge. Deos o inspirou!

JOANNA.

Mas o que... Que papel é este, nhonhô?

DR. LIMA.

E' a tua carta de liberdade, Joanna!

JOANNA.

Não quero! Não preciso!

JORGE.

Não é a tua carta de liberdade, não, minha boa Joanna; porque eu nunca te considerei minha escrava. É apenas um titulo para que não te envergonhes mais nunca da afeição que me tens.

JOANNA.

Mas eu não deixarei a meu nhonhô?

JORGE.

A menos que tu não o exijas.

JOANNA.

Eu!... Que lembrança!

DR. LIMA.

Não faz idéa do quanto me commove esta scena.

JORGE.

As nossas almas se comprehendem, doutor — Guarda, Joanna, este papel...

JOANNA.

Porque nhonhô mesmo não guarda?

JORGE.

De modo algum. Elle te pertence, manda-o registrar em um tabellião.

DR. LIMA.

É prudente.

JORGE.

Ha muito tempo, doutor, que tencionava realisar este pensamento. Mas tinha tomado algum dinheiro com hypotheca...

DR. LIMA.

Com hypotheca!... Sobre Joanna?

JOANNA.

Que mal fazia?

JORGE.

Conheço que fui imprudente, mas a necessidade urgia.

DR. LIMA.

Não o censuro, Jorge! O senhor não sabia...

JORGE.

O que, doutor?

DR. LIMA.

Não sabia... Quanto esses empréstimos são perigosos!...

JORGE.

Felizmente já não sou devedor... Nem ao homem que me emprestou... Nem à minha consciencia, que me ordenava dêsse a Joanna essa pequena prova da estima que lhe tenho. Resta-me ainda uma divida... Divida de amizade e gratidão que nunca poderei pagar.

DR. LIMA.

A ella!... Por certo que nunca!

JOANNA.

A meu senhor!... A mim não.

Batem.

SCENA V

OS MESMOS e GOMES.

JOANNA.

Sr. Gomes!

JORGE.

Tenha a bondade de entrar.

GOMES.

Desculpe se o incommodo, meu vizinho!

JORGE.

Ao contrario, dá-me muito prazer... Porque não se senta?

DR. LIMA, a Joanna.

Agora podes ficar tranquilla! Terei forças de calar-me.

JOANNA.

Meu senhor... Não toque n'isto... agora.

DR. LIMA.

Que tem?... Não nos ouvem.

JOANNA.

Falle mais baixo!... Pelo amor de Deos!

JORGE, a Gomes.

Hoje me pareceu incommodado?

GOMES.

Estou bom!

JORGE.

Mas inda o acho pallido.

GOMES.

Não é nada!

JORGE.

Ainda bem! Quero apresentar-lhe a um amigo que

chegou-nos hoje de repente... Devo-lhe mais que a existencia, devo-lhe a educação.

GOMES.

Como?... Perdão! estava distraído!... Que dizia?

JORGE.

Que desejava apresentar-lhe um amigo.

GOMES.

Ah! com muito gosto.

JORGE.

Dr. Lima!... O senhor estimará fazer o conhecimento de uma pessoa que todos respeitão pela sua honradez...

O Sr. Gomes... Empregado publico.

DR. LIMA.

Estimo muito!... Um medico pobre, sem clinica, que esteve cinco annos fóra do seu paiz, de pouco presta, mas póde contar...

GOMES.

Obrigado, Sr. doutor. (A Jorge.) Porém eu desejava fallar-lhe em particular.

JORGE.

Porque não disse?...

DR. LIMA.

N'este caso eu me retiro.

GOMES.

Não é preciso! Não! Eu voltarei depois.

JORGE.

Para que ter esse trabalho?... O doutor pôde entrar um momento.

DR. LIMA.

De certo! Vou ver a casa. Anda, Joanna. Vem mostrar-me os teus arranjos.

SCENA VI

GOMES e JORGE.

GOMES.

Não incommode seu amigo. — Voltarei depois.

JORGE.

Ora, Sr. Gomes, não é incommodo. Estou à sua disposição.

GOMES.

E' verdade que o negocio de que lhe pretendia fallar é urgente... mas...

JORGE.

Pois então, não ha necessidade de adial-o.

GOMES.

Talvez o senhor estranhe... O passo é improprio, e conheço...

JORGE.

Falle com franqueza.

GOMES.

Não! Temo abusar... Agradeço-lhe a sua atenção...
Outra vez conversaremos. Hoje mesmo... Logo mais.

JORGE.

O Sr. Gomes tem alguma cousa que o inquieta; creia
que se estiver nas minhas mãos servil-o...

GOMES.

E' engano seu!... Não tenho nada.

JORGE.

Talvez algum embaraço.... Sim! Isto não depende de
nós... Póde succeder a qualquer... De repente precisamos
de algum... dinheiro...

GOMES.

Sr. Jorge! Não vim pedir-lhe dinheiro emprestado!
Não é meu costume.

JORGE.

Perdão, Sr. Gomes! Não tive intenção de offendê-lo.
Estimo-o e respeito muito...

GOMES.

Faço justiça às suas intenções... Mas creia... Se me
visse reduzido a essas circumstancias preferiria morrer
de fome a tirar esmolas.

JORGE.

A palavra é dura! Recorrer a um amigo não é mendigar.

GOMES.

Não; mas pedir quando não se póde e não se espera pagar... é mais que mendigar. E' abusar da confiança; é roubar... Bem vê que não seria capaz.

JORGE.

Mas o Sr. Gomes não está n'essas circumstancias.

GOMES.

Não devo tomar-lhe o tempo com os meus negocios. O objecto sobre que desejava fallar-lhe... é muito diferente.

JORGE.

Pois eu o escuto.

GOMES.

Não! Preciso reflectir ainda.

JORGE.

Mas não poderei saber?...

GOMES.

E' escusado... Permitta-me!

JORGE.

Como quizer.

GOMES.

Passe bem!

SCENA VII

JORGE, DR. LIMA e JOANNA.

DR. LIMA.

Já foi o seu amigo?

JORGE.

Já, doutor.

DR. LIMA.

Examinou-o bem?... Elle tem alguma cousa. Não está no seu estado normal.

JORGE.

Assim me pareceu.

DR. LIMA.

Aconselhe-lhe que se trate.

JORGE.

Hei de procural-o d'aqui a pouco. E' nosso vizinho; mora no primeiro andar... Julgo que tem soffrido desarranjos nos seus negocios.

JOANNA.

Iaiá D. Elisa me disse, nhonhô, que elle sempre foi assim triste.

DR. LIMA.

Quem é iaiá D. Elisa?

JOANNA.

É a filha do Sr. Gomes.

DR. LIMA.

Bonita?

JOANNA.

Como nhonhô! Parece que nascêrão um para o outro.

DR. LIMA.

Ah! Temos romance?

JORGE.

Qual, doutor!... São idéas de Joanna.

DR. LIMA.

Havemos de conversar a este respeito. Corri a casa. Está bem accommodado... Tem o que é preciso para um moço solteiro.

JOANNA.

Oh! Ainda falta muita cousa! Mas ha de vir com o tempo.

JORGE.

E graças aos teus cuidados. — Mas não te esqueças, Joanna! Vai apromptar o quarto do doutor.

JOANNA.

Sr. doutor fica morando aqui?...

JORGE.

Então!

DR. LIMA.

Já tomei um quarto no Hotel da Europa.

JORGE.

Como, doutor?... Não esperava.

DR. LIMA.

Desculpe, meu amigo! Tenho os meus habitos. Já estou velho. Não quero nem incomodal-o, nem incomodar-me.

JORGE.

Ao menos ha de jantar connosco...

DR. LIMA.

Hoje não é possível.

JORGE.

Ora! Não o deixo sahir. Lembre-se que dia é hoje.

DR. LIMA.

Já me disse. E' o dia de seus annos.

JORGE.

E o da sua chegada... Mas pertence tambem a Joanna.

DR. LIMA.

E' verdade.

JORGE, a Joanna.

Vai! Olha que o doutor chega da Europa, onde se cozinha perfeitamente. Has de deitar tres talheres.

JOANNA.

Nhonhô espera mais alguem?

JORGE.

Quantos somos nós?

JOANNA.

Nhonhô!... Logo não vê!... Joanna sentar-se na mesa com seu senhor!... Credo!

JORGE.

Já te disse, Joanna!... Aqui não ha nem senhor, nem escrava... Se me tornas a fallar assim, ralho contigo.

JOANNA.

Será a primeira vez.

JORGE.

E quem terá a culpa?... Anda! Quem desembarca precisa jantar cedo.

DR. LIMA.

Mas decididamente, Jorge, não posso.

JORGE.

Serio, doutor?

DR. LIMA.

Se lhe recuso isto, é que tenho um motivo forte.

JORGE.

N'este caso não insisto. (Escreve.)

DR. LIMA.

Outro dia! Breve... Hoje deitarás apenas dous talheres,
Joanna : um para Jorge e outro para ti.

JOANNA.

Não lembre mais isto, meu senhor!

JORGE.

Não acha que deve ser assim?

DR. LIMA.

De certo. (Baixo a Joanna.) Senão, fico.

JOANNA.

Está bom... Será como Vm. quizer.

DR. LIMA.

E no jantar hão de beber duas saudes.

JORGE.

Á sua, doutor!

DR. LIMA.

A' minha sim, mas em primeiro lugar á de sua mãe.

JORGE.

E á de Joanna.

DR. LIMA.

Tambem!

JORGE.

Joanna, escuta. — Permite, doutor?

DR. LIMA.

Pois não!

JORGE.

Leva esta carta a D. Elisa.

JOANNA.

A iaiá?... Dê cá, nhonhô.

JORGE.

Não!... Melhor é que eu não lhe escreva.

JOANNA.

Que tem isso agora?

JORGE.

Ella pôde offender-se!... Deseje e procura saber que tem seu pai.

JOANNA.

Sim, nhonhô!... Vou já.

JORGE.

Não te demores!

JOANNA.

Meu senhor doutor ainda fica?

DR. LIMA.

Não. Também vou.

JORGE.

Espere um momento.

JOANNA.

Sr. doutor tem que fazer, nhonhô.

JORGE.

Vai, Joanna.

DR. LIMA.

Adeos. Basta de massada.

SCENA VIII

DR. LIMA e JORGE.

JORGE.

Que pressa é essa, doutor? Sente-se.

DR. LIMA.

Teremos muitas occasiões de conversar.

JORGE.

Sem duvida ; mas estou impaciente por saber de sua boca o nome de minha mãe.

DR. LIMA.

De... sua mãe?

JORGE.

Sim, doutor.

DR. LIMA.

Tambem eu o ignoro, Jorge.

JORGE.

Mas, doutor, eu fui criado em sua casa. Devo-lhe a educação...

DR. LIMA.

Pela ultima vez lhe digo, Jorge... Nada me deve... Nada absolutamente!

JORGE.

Ora, doutor!...

DR. LIMA.

Dou-lhe minha palavra, e sabe que nunca a dou de balde.

JORGE.

Creio, doutor.

DR. LIMA.

Pois dou-lhe minha palavra que nunca despendi um real com a sua educação... Quando o quizesse, não podia... Sou pobre!

JORGE.

Mas então quem pagava as despesas que eu fazia?

DR. LIMA.

Sua mãe.

JORGE.

E a occultão de mim!

DR. LIMA.

Não a conheci... Escute, Jorge. Todo o segredo do seu nascimento é este.

JORGE.

Falle, doutor.

DR. LIMA.

Uma noite fui chamado a toda a pressa para ver meu amigo Soares...

JORGE.

Meu pai!

DR. LIMA.

Quando cheguei, seu pai já estava moribundo. Apenas me vio, estendeu-me a mão, balbuciando estas palavras : « meu filho... sua mãe... » E expirou.

JORGE.

E nada mais?

DR. LIMA.

Nada mais. Trouxe-o para minha casa, onde Joanna o criou.

JORGE.

Joanna; a unica herança de meu pai!

DR. LIMA.

A unica!... E' verdade.

JORGE.

Tambem ella ignora!... Mas doutor, não me disse como esses supprimentos se fazião.

DR. LIMA.

De uma maneira muito simples. Quando o senhor precisava de roupa, livros ou qualquer objecto, vinhão trazê-lo à casa...

JORGE.

Quem?...

DR. LIMA.

Caixeiros... alfaiates...

JORGE.

E nunca lhe disserão?

DR. LIMA.

Se elles não sabião!

JORGE.

Assim estou condemnado a ignorar sempre o nome de minha mãe.

DR. LIMA.

Não se occupe com isto!... Algum dia, quando menos o esperar, ha de saber. Continue a portar-se como homem de bem, e deixe o mais à Providencia.

JORGE.

Mas é triste, doutor.

DR. LIMA.

Quem sabe!... Quantas vezes esse mysterio não é uma felicidade.

JORGE.

Não o percebo.

DR. LIMA.

Quantas vezes a revelação não perturba as relações de pessoas que se estimão, e não acarreta sobre ellas o opprobrio e a deshonra...

JORGE.

E' possível?... Sacrificar-se o filho ao egoismo...

DR. LIMA.

Não accuse, Jorge.

JORGE.

Tem razão, doutor.

DR. LIMA.

Já se virão pais que se occultarão para não envergonhar os filhos do seu nascimento.

JORGE.

Não diga isto, doutor!... Um filho nunca se póde envergonhar de seu pai!

DR. LIMA.

Mas supponha que elle teve a desgraça de soffrer uma condemnação... Que tornou-se indigno...

JORGE.

Nem assim! Não ha motivo que justifique semelhante ingratitude.

DR. LIMA.

Nem um?...

JORGE.

Nem um, doutor! Se pois é essa a razão...

DR. LIMA.

Que lembrança!... Foi apenas uma supposição... Já lhe disse quanto sabia.

JORGE.

Dá-me a sua palavra?

DR. LIMA.

Jorge, não se esteja a affligir com estas cousas, que no fim de contas nenhuma influencia têm sobre a vida... Adeos. E' tarde.

JORGE.

Estou convencido agora de que sabe mais do que disse.

DR. LIMA.

Engana-se.

JORGE.

Porque não me dá a sua palavra?

DR. LIMA.

Não vale a pena.

SCENA IX

OS MESMOS e JOANNA.

JOANNA.

Ainda está aqui, meu senhor?

DR. LIMA.

Esperava que chegasses.

JORGE.

Então, Joanna?

JOANNA.

Já fui, nhonhô.

DR. LIMA.

Meu amigo, o senhor tem que conversar com Joanna.
Deixo-o. Até amanhã.

JORGE.

Até amanhã, doutor. Hei de procural-o.

DR. LIMA.

Já lhe disse onde estou... Hotel...

JORGE.

Da Europa.

DR. LIMA.

Justo! Mas não sei se ficarei lá. E' caro para os pobres.

JOANNA.

Ora, meu senhor andou viajando.

DR. LIMA.

E' o que tu pensas!... Gasta-se por lá metade do que é necessario para viver aqui modestamente. Adeos.

JORGE.

Reflicta no que lhe disse. Faz mal em occultar-me.

DR. LIMA.

Não pense mais n'isso.

SCENA X

JORGE e JOANNA.

JOANNA.

O que é que o Sr. doutor não quer dizer a nhonhô?

JORGE.

Uma cousa que não te interessa.

JOANNA.

Nhonhô não quer que Joanna saiba seus segredos... Não pergunto mais.

JORGE.

Não é por isso.

JOANNA.

Deve sera assim mesmo, nhonhô... Quem é esta pobre mulata para que Vm. lhe conte sua vida!

JORGE.

Está bom, Joanna! Eu te digo... Perguntei ao doutor quem era minha mãe.

JOANNA.

Ah!... E elle?...

JORGE.

Respondeu o mesmo que tu. — Mas que soubeste de Elisa?

JOANNA.

De iaiá D. Elisa...

JORGE.

Já não te lembras?

JOANNA.

Lembro, lembro, nhonhô!... Ella está muito triste; porém não quiz dizer porque.

JORGE.

E seu pai?

JOANNA.

Sr. Gomes sahio. Iaia perguntou se Vm. estava em casa... Talvez ella queira fallar com nhonhô.

JORGE.

Vou vê-la.

JOANNA.

Vá, nhonhô. Como ella ha de ficar contente!

JORGE.

Estás com as tuas idéas.

JOANNA.

Pois então, nhonhô!... Aonde é que se vio um parzinho mais igual.

JORGE.

Achas que sim?

JOANNA.

E não sou eu só!... Quando nhonhô descer, cerre a porta. Eu vou enxaguar uma roupa lá dentro... Póde alguém entrar.

SCENA XI

JORGE e ELISA.

JORGE.

Elisa!

ELISA.

Não me leve a mal, Sr. Jorge.

JORGE.

O que, Elisa?

ELISA.

Este passo que dei... Se soubesse!

JORGE.

Conte-me!... Que succedeu a seu pai?

ELISA.

Uma desgraça!... Elle não esteve aqui?

JORGE.

Ha pouco... bastante perturbado... E não me disse o motivo por que me procurava.

ELISA.

Faltou lhe a coragem... Meu pobre pai!

JORGE.

O que foi?... A que vinha elle?...

ELISA.

Vinha... Vinha pedir-lhe emprestado... Oh! como lhe custou!

JORGE.

Mas... Porque repellio o offerecimento que lhe fiz...

ELISA.

Teve vergonha de aceitar-o... E entretanto era para salvar a sua vida!...

JORGE.

A vida de seu pai! Como, meu Deos!... Elisa! Explique-me o que se passa...

ELISA.

Estou tão afflicta... Nem posso fallar... Desculpe, Sr. Jorge!...

JORGE.

Descanse um pouco!

ELISA.

Não! desço já. Não devo me demorar aqui!

JORGE.

Tem receio... Não está em sua casa? Esqueceu-se!

ELISA.

Se não tivesse tanta confiança no senhor, subiria

aqui?... morreria antes... Veria morrer meu pai! Mas não teria animo...

JORGE.

Diga-me... O que houve?

ELISA.

Meu pai vendeu tudo quanto tinha para pagar as suas dividas...

JORGE.

Socegue! Não lhe faltará o necessario.

ELISA.

Oh! se fosse isto!... Eu posso trabalhar... Mas uma cousa horrivel, uma calumnia... Dizem que meu pai falsificou uma letra!

JORGE.

Ah!

ELISA.

Meu pai, o homem mais honrado...

JORGE.

Incapaz de semelhante accção.

ELISA.

Teme ser condemnado... Diz que não pôde resistir á vergonha... Quer matar-se!

JORGE.

Que loucura!

ELISA.

Mas elle o fará! Olhe!

JORGE.

O que é isto, Elisa?

ELISA.

Veneno, Sr. Jorge. . Veneno que meu pai trazia consigo, porque ha muitos dias essa idéa o persegue.

JORGE.

Dê-me este vidro. — Eu fallarei a seu pai.

ELISA.

Não lhe falle, não!... Elle se irritaria... sem mudar de tenção. Já suppliquei de joelhos!

JORGE.

Então confessou-lhe...

ELISA.

Tudo... E disse-me que se eu não tivesse forças para lutar contra a desgraça, ainda ali ficaria bastante para... mim!

JORGE.

Cale-se, Elisa.

ELISA.

« E' a unica herança de teu pai! » me disse elle chorando.

JORGE.

Está louco!...

ELISA.

Não, Sr. Jorge! Elle tem razão! Devemos morrer juntos!

JORGE.

Havemos de viver juntos, Elisa. Porque juro que salvarei seu pai! Mas preciso vê-lo.

ELISA.

Não lhe diga que lhe contei...

JORGE.

Como saberei as circumstancias do facto que lhe imputão?

ELISA.

Elle mesmo nada sabe, senão que um homem o procurou ha pouco e ameaçou-o de entregar a lettra falsificada á policia, se lhe não pagasse hoje ás cinco horas da tarde!

JORGE.

Em quanto monta essa lettra?

ELISA.

Em quinhentos mil réis.

JORGE.

E paga ella, seu pai está salvo?

ELISA.

Da deshonra... e da morte... sim!

JORGE.

Não tenho agora essa quantia... Mas prometto arranjar-a, Elisa.

ELISA.

Não, não consinto, Sr. Jorge! Não era isso que lhe vinha pedir...

JORGE.

Qualquer estranho o faria para salvar a vida de seu semelhante.

ELISA.

Eu não lhe devia ter dito!... Mas a idéa de ver morrer meu pai!...

JORGE.

Elisa!... Repilla essa idéa!... Confie em Deos!

ELISA.

Em Deos e no senhor!... Quem tenho eu mais na terra, além de meu pai?

JORGE.

Preciso sair... D'aqui a uma hora voltarei! Hei de salvá-lo!

ELISA.

Vou com essa esperança!...

SCENA XII

JORGE e JOANNA.

JORGE.

Quinhentos mil réis!...

JOANNA.

O que é, nhonhô?

JORGE.

Deixa-me!...

JOANNA.

Meu Deos!... Perdão!... Que lhe fiz eu, nhonhô?

JORGE.

Nada.

JOANNA.

Contarão-lhe alguma cousa!... Não acredite!...

JORGE.

Em que?

JOANNA.

Não acredite no que lhe disserão!

JORGE.

E tu sabes o que me disserão?

JOANNA.

Não!... não sei... Mas não é verdade!... Eu lhe juro, nhonhô.

JORGE.

Não te entendo, Joanna! Perdeste a cabeça?

JOANNA.

Mas... Que tem nhonhô então?

JORGE.

Estou desesperado!...

Joanna
JORGE

Porque?

JORGE.

Preciso de dinheiro... e não sei como hei de obtê-lo! (Sabe.)

JOANNA.

Ah!

FIM DO SEGUNDO ACTO.

ACTO III

Em casa de Jorge. A mesma sala.

SCENA PRIMEIRA

JORGE e JOANNA.

JORGE.

O doutor não veio?...

JOANNA.

Depois que nhonhô sahio?... Não!

JORGE.

Já não sei o que faça!

JOANNA.

Nhonhô não achou o dinheiro de que precisa?

JORGE.

Qual!... Fui ao doutor, não estava... Deixei-lhe uma

carta. Procurei um homem que me costumava emprestar às vezes... Exige penhor... Que posso eu dar?... Só tenho esta mobilia!

JOANNA.

Mas a casa ha de ficar sem trastes?

JORGE.

Que remedio, Joanna!... Prometteu vir d'aqui a pouco avaliar... Quanto poderão valer estas cadeiras?... Uma bagatela... cem mil réis?

JOANNA..

Valem muito mais!...

JORGE.

O meu relógio deu-me apenas cincoenta!

JOANNA.

Nhonhô foi empenhar o seu relógio?...

JORGE.

Que havia de fazer.

JOANNA.

Jesus!... Que pena!... Mas Sr. doutor já ha de ter recebido a carta... Não deve tardar por ali.

JORGE.

É a minha unica esperança.

JOANNA.

Emquanto elle não chega, venha jantar, nhonhô; são mais de tres horas.

JORGE.

Não quero jantar agora, Joanna... Estou fatigado. .
inquieto... Depois.

JOANNA.

Almoçou tão pouco!

JORGE.

Almocei como de costume. Não tenho disposição.

JOANNA.

Nhonhô não se agasta se eu lhe perguntar uma cousa?...

JORGE.

Pôdes perguntar.

JOANNA.

Não é só para saber, não... É que talvez Joanna possa
remediar... Esse dinheiro de que nhonhô precisa para
que é?...

JORGE.

Se o segredo me pertencesse, eu t'o diria.

JOANNA.

Ah! É um segredo... Mas precisa mesmo?...

JORGE.

Daria metade da minha vida para obtêl-o.

JOANNA.

Pois então, nhonhô, fique descansado! Tudo se ha de
arranjar.

JORGE.

Como, Joanna?... Por que meio ?

SCENA II

OS MESMOS e DR. LIMA.

JORGE.

Ah! É o doutor...

JOANNA.

Elle mesmo!...

DR. LIMA.

Apenas recebi a sua carta, metti-me n'um tilbury e aqui estou. Que temos?

JORGE.

Creia, doutor, que só uma circumstancia extraordinaria me obrigaria a recorrer á sua amizade.

DR. LIMA.

Nada de preambulos, meu amigo. Eu o conheço. Em que lhe posso servir?

JORGE.

Preciso, doutor...

DR. LIMA.

De que? Não se vexa!

JORGE.

Talvez repare...

DR. LIMA.

Precisa de dinheiro... Não é?

JORGE.

É verdade.

DR. LIMA.

De quanto?

JORGE.

De quinhentos mil réis... Reconheço que é uma quantia avultada.

DR. LIMA.

Até ali chegam as minhas forças. Amanhã lh'os trarei.

JORGE.

Amanhã?

DR. LIMA.

Apenas tire o meu fato da alfandega.

JOANNA.

Ora, bravo... Está tudo arranjado. Eu bem sabia que meu senhor Dr. Lima era um amigo de mão cheia.

JORGE.

Mas eu preciso para hoje ás quatro horas sem falta.

DR. LIMA.

Eis o que é impossivel. Tres e dez... A alfandega está fechada... os meus papeis estão na mala... A ninguem conheço... Entretanto vou tentar.

JORGE.

Inda mais incommodo!... Com effeito, o senhor deve fazer bem triste idéa de mim!

DR. LIMA.

Jorge!... Não me offenda!

JORGE.

Parece que o estava esperando para importunal-o... Mas quando souber o motivo me desculpará.

DR. LIMA.

Não quero que m'o declare; sei que é honroso, e isto basta-me.

JORGE.

Muito obrigado!

DR. LIMA.

Não percamos tempo. Se não estiver aqui ás quatro horas, é que nada consegui.

SCENA III

JORGE e JOANNA.

JORGE.

Está acabado !... Morrerei tambem !

JOANNA.

Nhonhô ! Não diga isso !... Ila de ter esse dinheiro.

JORGE.

A ultima esperança foi-se !

JOANNA.

Ainda não, nhonhô ! Não é de quinhentos mil réis que precisa ?

JORGE.

Onde irei eu achal-os ?

JOANNA.

Mas... sua mulata assim mesmo velha, ainda vale mais do que isso.

JORGE.

Que queres dizer, Joanna?

JOANNA.

Nhinhô não me deu este papel? ...Eu não careço d'elle!

JORGE.

A tua carta!... Estás louca?

JOANNA.

Ouça, nhinhô...

JORGE.

Não quero ouvir nada.

JOANNA.

Mas nhinhô prometeu dar esse dinheiro.

JORGE.

Prometti...

JOANNA.

Então! Ha de faltar á sua palavra... E fallar em morrer...

JORGE.

Queres que para evitar um mal, commetta um crime?...
Que roube a liberdade que te dei?...

JOANNA.

Nhinhô não rouba nada!... Eu é que não quero... Não
pedi!...

JORGE.

Que importa?... O que dei não me pertence.

JOANNA.

Pois eu não aceito! Veja...

JORGE.

Que vais fazer ?

JOANNA, rasgando o papel.

Nhonhô não ha de me obrigar... Não sou forra!... Não quero ser!... Não quero!... Sou escrava de meu senhor!... E elle não ha de padecer necessidades!... Tinha que ver agora uma mulher em casa sem fazer nada, sem prestar para cousa alguma... E meu nhonhô triste e agoniado.

JORGE.

Não recebo o teu sacrificio. É escusado!... Depois, de que me serviria isto ?

JOANNA.

Mas venha cá, nhonhô... Vm. não disse esta manhã que ha muito tempo me queria forrar ?

JORGE.

E disse a verdade.

JOANNA.

Quem duvida?... Mas não forrou porque tinha pedido um dinheiro emprestado com... Não sei como se chama.

JORGE.

Com hypotheca?...

JOANNA.

Isso mesmo!... Pois que custa nhonhô pedir outra vez esse dinheiro emprestado ?

JORGE.

Tu já não és minha escrava.

JOANNA.

O que sou eu então?... Nhonhô não me quer mais... Não presto para nada... Paciencia!

JORGE.

Estás forra.

JOANNA.

Mas eu rasguei o papel.

JORGE.

É indifferente. Eu o escrevi.

JOANNA.

Que tinha que fizesse isto? Amanhã, Sr. Dr. Lima trazia o dinheiro, e estava tudo direito.

JORGE.

Vê quem está batendo. Deve ser o Peixoto.

JOANNA.

Mas então, nhonhô?

JORGE.

Abre a porta.

SCENA IV

OS MESMOS e ELISA.

JOANNA.

Iaiá D. Elisa!

ELISA.

Sr. Jorge.

Joanna afasta-se.

JORGE.

Nada obtive ainda, Elisa.

ELISA.

Meu Deos!... Elle já me perguntou pelo vidro!... Eu
lhe respondi... Nem sei o que lhe respondi!... São mais
de tres horas...

JORGE.

Não desespere, Elisa! Ainda temos tempo. Vá fazer-lhe
campanhia. Não o deixe.

ELISA.

Oh! se as minhas lagrimas o salvassem!

JORGE.

Em ultimo caso, se nada conseguir, irei ter com elle...
Não o deixarei realizar o projecto que medita.

ELISA.

Mas ficará deshonrado... Accusado de falsificador, será demittido... Cuida que resistirá?

JORGE.

Procuramos salvar-lhe a honra... Se não fôr possível, de duas desgraças a menor... a que ainda pôde ser reparada!

ELISA.

Conto com o senhor!... Não nos abandone, Sr. Jorge.

JORGE.

Vá descansada! Talvez mais cedo do que pensa eu possa levar-lhe uma boa noticia!... Se houver alguma cousa de novo, venha me dizer!...

JOANNA.

Que tem iaiá que está tão triste?

ELISA.

Logo te direi, Joanna.

JOANNA.

Sua mulata de nada serve, mas...

ELISA.

Sei quanto és boa! Porém não me pôdes valer.

JOANNA.

Quem sabe, iaiá?

SCENA V

JORGE e JOANNA.

JORGE.

Joanna !... Aceito o sacrificio que me fazes !...

JOANNA.

Qual sacrificio !... Isso é o que nhonhô devia ter feito logo ! Já estava livre de cuidados.

JORGE.

Não o aceitaria nunca se não fosse para o fim que é... Para salvar a vida de um homem... de um pai !

JOANNA.

De Sr. Gomes ?

JORGE.

Sim, do pai de Elisa.

JOANNA.

Por isso é que iaiá está com os olhos vermelhos de chorar !... Pois nhonhô sabia e recusava !...

JORGE.

Nem imaginas quanto me custa !... Ha muito tempo não tenho uma tão grande satisfação como a que senti

hoje dando-te a liberdade, Joanna! Nunca o dinheiro ganho pelo trabalho honesto me inspirou tão nobre e tão justo orgulho!... E destruir agora a minha obra!... Ah! Elisa não sabe que fel me fazem tragar as suas lagrimas!

JOANNA.

Está bom, nhonhô, não esteja triste!... Tudo vai se arranjar... d'aqui a uma semana, se tanto, que festa não ha de haver n'esta casa!

JORGE.

Se eu já tiver restituído o que hoje confias de mim com tanta generosidade. Antes d'isso juro que não gastarei senão o que fôr absolutamente necessario para viver.

JOANNA.

E porque agora nhonhô ha de se privar do que precisar?

JORGE.

O devedor que assim não procede, rouba ao seu credor. E se houve divida sagrada no mundo é esta que vou contrahir contigo.

JOANNA.

Não vejo nada de maior.

JORGE.

Augmentas o sacrificio, diminuindo-lhe o valor.

JOANNA.

Nhonhô hoje não está bom, não! Tão cheio de partes!...

JORGE.

Será o doutor?

SCENA VI

OS MESMOS e PEIXOTO.

PEIXOTO.

Com licença!

JORGE.

Ah!... Faz obsequio de sentar-se?

PEIXOTO.

Tardei um pouco. Tive que fazer.

JOANNA, a meia voz.

É o homem dos trastes, nhonhô?

JORGE.

E o doutor nada!

JOANNA.

Não achou.

PEIXOTO.

Vamos a isso! Fallou-me na sua mobilia. É esta?

JORGE.

Sim, senhor. Tenho tambem alguns trastes na varanda.

PEIXOTO.

Jacarandá... Mais de meio uso.

JOANNA.

Quasi nova, meu senhor...

PEIXOTO.

Tem alguns dous annos de serviço.

JOANNA.

Jesus!... Nem dous mezes!

PEIXOTO.

Então foi comprada em leilão. Não ha que fiar agora. Impingem trastes velhos por novos... Lixa e verniz... Não custa.

JORGE.

Mas quanto dá o senhor?

PEIXOTO.

Por isto que aqui está... Ultimo preço oitenta mil réis. Não vale mais.

JORGE.

Oitenta só?

PEIXOTO

Só. E não é pouco.

JOANNA.

Ora, meu senhor! Mais do que isto custou o sofá

PEIXOTO.

Póde ser. Não dou mais.

JORGE.

E pela minha cama?... É de mogno massiço.

PEIXOTO.

Vejamos. (Entra na alcova.)

JOANNA.

Mas nhonhô ha de ficar sem a sua cama? Isso não tem geito nenhum.

JORGE.

Comprarei outra depois.

JOANNA.

Melhor é fazer o que lhe disse, nhonhô.

JORGE.

Deixa ver... Talvez não seja preciso.

PEIXOTO.

A cama e a mobilia da sala... Fica tudo por cento e vinte mil réis. Tem mais alguma cousa?

JOANNA.

Tem, sim, meu senhor!... Tem esta escrava! Quanto acha Vm. que ella vale?

PEIXOTO.

Ah! Isto é outro caso!... (A Jorge) Quer renovar a hypoteca sobre ella?

JOANNA.

Quer... Elle quer... Pois já não disse?...

PEIXOTO.

Não ouvi! Então fica sem effeito o negocio dos trastes?

JOANNA.

Fica, meu senhor!... Não é, nhonhô?

JORGE.

Não sei.

PEIXOTO.

Em que ficamos?

JOANNA.

Devem ser quatro horas!

JORGE.

Quatro horas já?!... Que decide, senhor?

PEIXOTO.

Sobre a mulata?

JORGE.

Sim!

PEIXOTO.

Dou-lhe sobre ella trezentos mil réis.

JORGE.

Como, senhor?!... Não lhe estava hypothecada por seiscentos mil réis que acabei de pagar hoje?

PEIXOTO.

Foi em outro tempo ! Hoje está velha.

JOANNA.

Eu velha, meu senhor !... Mal tenho trinta e sete annos... Depois não sou qualquer mulatinha como essas preguiçosas que não entendem de outra cousa senão de estar na janella !... Eu sei pentear e vestir uma moça que faz gosto... Melhor do que muita mucama de fama.

PEIXOTO.

Não tenho filhas.

JOANNA.

Mas eu tambem sei coser, lavar, engommar. Que pensa meu senhor?... Onde me vê, não é por me gabar... Dou conta do arranjo de uma casa... Varro, arrumo tudo, cozinho, ponho a mesa ; e ainda me fica tempo para fazer as minhas costuras, remendar os pannos de prato, arear as panellas... Pergunte a nhonhô!

JORGE.

Joanna, eu te peço!

JOANNA.

Olhe, meu senhor! Dê quinhentos mil réis, que não

se ha de arrepender!... Dê sem susto, porque o mais tarde, o mais tarde, amanhã meu nhonhô vai-lhe pagar.

PEIXOTO.

Não posso. Tu não estás segura...

JOANNA.

Eu não preciso, meu senhor!... Prometto a Vm. que não morro!... Não é capaz!... Tenho vida para cem annos. Vm. não conhece esta mulata, não. Seguro... Isto é para a gente de hoje!...

JORGE.

Escuta, Joanna.

JOANNA.

Nhonhô espere... Então Vm. não dá os quinhentos mil réis?

PEIXOTO.

Veremos : veremos! Conforme as condições que teu senhor aceitar.

JOANNA.

Logo vi que Vm. havia de chegar... Porque olhe!... Também por menos, estava bem livre!... — O que é, nhonhô?

JORGE, a meia voz.

Deixa-nos sós. Quero tratar com este homem.

JOANNA.

E que tem que eu esteja aqui, nhonhô?

JORGE.

Em tua presença nunca poderei.

JOANNA.

Pois eu vou. Não se arrependa, nhonhô. Iaiá D. Elisa está esperando... Coitadinha!...

SCENA VII

JORGE e PEIXOTO.

PEIXOTO.

Está disposto a effectuar o negocio?

JORGE.

Por quinhentos mil réis dados immediatamente.

PEIXOTO.

Já vejo que nada fazemos.

JORGE.

O senhor suppõe que estou, como certas pessoas com quem trata, procurando rodeios para tirar-lhe a maior somma possível. Engana-se.

PEIXOTO.

Não supponho tal.

JORGE.

Tenho urgente necessidade de quinhentos mil réis

hoje, dentro de meia hora. Desde que não é possível obter esta quantia, o negocio não me convem. E não sei, Sr. Peixoto, se deva agradecer-lhe.

PEIXOTO.

Então precisa de quinhentos mil réis?

JORGE.

Justos.

PEIXOTO.

Pois não seja esta a dificuldade. Dou-lhe esse dinheiro sobre a escrava.

JORGE.

Já?

PEIXOTO.

Não o trago aqui, mas vou buscal-o... n'um instante... Isto é, eu ainda não examinei a peça... mas podemos terminar isto.

JORGE.

Que é preciso fazer?... Ir a um tabellião...

PEIXOTO.

Levaria muito tempo. Distribuir a escriptura... pagar sello... Nem amanhã se concluiria.

JORGE.

Mas eu preciso hoje.

PEIXOTO.

Ha meio de remediar tudo. Faça um penhor!

JORGE.

Para que o senhor a leve?...

PEIXOTO.

Um simples escripto, e está o negocio arranjado.

JORGE.

Isso de maneira alguma! Pensei que era o contracto que já fizemos! Joanna hypothecada ao senhor, mas sempre em minha casa.

PEIXOTO.

D'este modo nem é possível, nem eu lhe daria os quinhentos mil réis. Devo lucrar os serviços.

JORGE.

Por algumas horas... Pois amanhã...

PEIXOTO.

Lá isso não sei... Póde ser por horas e por mezes.

JORGE.

Não tenho animo de separal-a de mim, de tiral-a de casa!

PEIXOTO.

Pois resolva-se!... Vou ao escriptorio buscar o dinheiro. D'aqui a cinco minutos venho saber a resposta.

JORGE.

É escusado... Para que se incommodar?

PEIXOTO.

Tenho um negocio para estas bandas. Até já.

SCENA VIII

JORGE e JOANNA.

JOANNA.

Arranjou-se tudo, nhonhô! Não foi?

JORGE.

Não fiz nada; estou na mesma.

JOANNA.

O homem teimou em não dar os quinhentos mil réis?

JORGE.

Dava; mas com uma condição que não quiz... que não devia aceitar.

JOANNA.

Qual, nhonhô?

JORGE.

Não entendes de negocio. Tanto faz dizer-te como não.

JOANNA.

É verdade que Joanna não estudou como os homens que vão á escola! Mas... Nhonhô não faça pouco... Eu sei muita cousa. Póde ser que lembre uma idéa boa.

JORGE.

Não fazemos nada, Joanna. O melhor é resignar-me.

JOANNA.

Então nhonhô deixa morrer o pai de iaiá D. Elisa?

JORGE.

Elle ha de attender-me!... É impossivel que um homem razoavel persista em fazer semelhante loucura.

JOANNA.

Mas Vm. prometteu a iaiá... E quando ella vier que lhe ha de responder?

JORGE.

O que?... Que esta vida não vale as lagrimas que custa!

JOANNA.

Nhonhô!... Não se lembre d'isso!

JORGE.

Que hei de fazer, Joanna?

JOANNA.

Se não tivesse deixado o homen sahir.

JORGE.

Elle ficou de voltar para saber a resposta.

JOANNA.

Que resposta?

JORGE.

Da condição que me propôz... Queria que te dêsse em penhor.

JOANNA.

Que eu fosse para a casa d'elle?

JORGE.

Bem vês que não devia aceitar!

JOANNA.

Nhonhô precisa do dinheiro... Aceite!... Mas é por hoje só, não é?

JORGE.

Unicamente!... Amanhã apenas o doutor chegasse, iria te buscar.

JOANNA.

Pois então!... Uma tarde depressa se passa!... E nhonhô não faltará ao que prometeu.

JORGE.

Elisa vai agradecer-me o que só deverá a ti! Assim é este mundo.

JOANNA.

Eu não faço nada por iaiá D. Elisa... É por meu'se-nhor...

JORGE.

O Peixoto está-se demorando! Se não voltar!

JOANNA.

Eu vou chamal-o.

JORGE.

Espera!... Às vezes tenho vontade que elle não venha.

JOANNA.

Ah! se o Sr. doutor apparece por ahi!

JORGE.

Não ouves subir?

JOANNA.

Vou ver.

SCENA IX

OS MESMOS e PEIXOTO.

PEIXOTO.

Já sei que resolveu-se?

JORGE

A circumstancias me forçarão.

PEIXOTO.

Ora bem! Fechemos o negocio. — Vem cá, mulata.

JOANNA.

Meu senhor!

PEIXOTO.

Deixa ver lá os pés!

JOANNA.

Meu senhor está desconfiado comigo! Eu não tenho

doença!... Se nunca senti me doer a cabeça, até hoje, graças a Deos!

PEIXOTO.

Tá, tá, tá, cantigas!... Vamos!... Não te faças de boa!

JOANNA.

Ninguém ainda me tratou assim, meu senhor!

PEIXOTO.

Anda lá!... Mostra os dentes!

JOANNA.

Todos são!

PEIXOTO.

É o que esta gente tem que mette inveja! Se fosse possível trocar!... E não tens marca?

JORGE.

Senhor! Acabe com isto!... Não posso mais ver semelhante scena.

PEIXOTO.

Quem dá o seu dinheiro, Sr. Jorge, deve saber o que compra... Se não lhe agrada...

JORGE.

Está no seu direito; quem lhe contesta?... Mas terminemos com isto de uma vez.

PEIXOTO.

Não desejo outra cousa. — Então tens as taes marcas, heim?...

JOANNA.

Fui mucama de minha senhora moça, que me tratava como sua irmã d'ella. Sahi para o poder de nhonhô, que até hoje nunca me disse « Joanna, estou zangado contigo ! »

PEIXOTO.

Tens um bom senhor, já vejo !

JORGE.

Perdôa, Joanna, o por que te fiz passar !

JOANNA.

Não foi nada, nhonhô.

PEIXOTO.

Muito bem ! Aqui está o papel.

JORGE.

O senhor enganou-se !... Seiscentos mil réis ?

PEIXOTO.

É difficil enganar-me. São mesmo seiscentos mil réis.

JORGE.

Mas eu pedi-lhe quinhentos mil réis.

PEIXOTO.

Justo ! É o que ha de receber. Os cem são de juros.

JORGE.

Por um dia ?... Pois amanhã...

PEIXOTO.

Não empresto por um dia ! Se quiser pagar amanhã, nada tenho com isso.

JORGE.

Mas receberá.

PEIXOTO.

Certamente !

JORGE.

E ganhará em um só dia 20 %.

PEIXOTO.

São os riscos do negocio... Posso esperar annos sem receber.

JORGE.

N'esse caso os serviços...

PEIXOTO.

Ainda não sei quaes são. Demais, tenho a alimentação, vestuario, botica, medico, etc.

JORGE.

Emfim !... Já não é tempo de recuar.

Vai á mesa assignar o papel.

JOANNA.

Meu senhor, não cuide que vou-lhe fazer despesas. Como um quasi nada...

PEIXOTO.

Que interesse tens tu no negocio! Parece que estás morrendo por te ver livre de teu senhor.

JOANNA.

Está ouvindo, nhonhô?

JORGE.

Mas, senhor!... Isto é um papel de venda.

JOANNA.

De venda?!... Nhonhô me vender!

PEIXOTO.

Questão de palavras!... Não vê que tem a condição de *retro*.

JORGE.

O senhor fallou-me em penhor... Venda! Nunca teria consentido.

PEIXOTO.

É uma e a mesma cousa. No penhor, se o senhor não me pagar, a escrava é minha. Na venda a *retro* ella volta ao seu poder, logo que me pague.

JORGE.

Em todo o caso prefiro o penhor.

PEIXOTO.

Meu caro senhor, tenho tido todas as condescenden-

cias possíveis; mas V. S. não está habituado a tratar certos negocios, de modo que nunca chegaremos a um accordo.

JORGE.

Porque o senhor não diz francamente o que exige?

PEIXOTO.

Essa é boa! Quer mais franqueza?... É aceitar ou largar! Não obrigo!

JOANNA.

Mas se nhonhô lhe pagar amanhã, fica meu senhor outra vez?

PEIXOTO.

Que duvida!... Tem um mez para pagar!

JOANNA.

Então nhonhô... Vem dar no mesmo!

JORGE.

Não!... não posso assignar semelhante papel!

PEIXOTO.

Bem! O dito por não dito!... Outra vez fará o obsequio de não me incomodar. Perdi com o senhor a manhã inteira... sem o menor proveito.

Elisa apparece.

SCENA X

OS MESMOS e ELISA.

JORGE.

Ah! (Assigna.) Tome, senhor. O dinheiro? (Corre a Elisa.)

PEIXOTO.

Eil-o. — Oh! Quem é esta moça?

JOANNA.

É a filha do Sr. Gomes.

PEIXOTO.

Humm!... Percebo!

JORGE.

Não se importe que a vejão aqui! Se a calumniarem,
eu farei calar o infame!

ELISA.

Nem sei já o que faço!...

JORGE, a Peixoto.

O dinheiro?

PEIXOTO.

Aqui o tem. Faça o favor de contar.

ELISA.

Este homem!...

JORGE.

Que tem?

ELISA.

É o que ameaçou meu pai!

JORGE.

Devia ter adivinhado!

ELISA.

Vendo-o entrar, julguei que já vinha... Fiquei fóra de mim... Subi! Ha que tempo estou alli sem animo de entrar.

JORGE.

Finalmente seu pai está salvo! Tome, Elisa'...

ELISA.

Oh! não, Sr. Jorge!

JORGE.

Tem vergonha de aceitar-os da mão de seu marido?...

ELISA.

Não era melhor que o senhor mesmo entregasse a meu pai?

JORGE.

Elle aceitaria mais facilmente de sua filha!

ELISA.

Mas eu é que não posso!... Não devo...

JORGE.

Espere!... (A Peixoto.) O senhor tem em seu poder uma lettra do Sr. Gomes?

PEIXOTO.

Uma lettra de quinhentos mil réis? Sim, meu senhor!

JORGE.

Está paga! Dê-me esta lettra!

PEIXOTO.

Então era esta a necessidade urgente? (Dá a lettra.) Muito podem uns bonitos olhos!

JORGE.

Insolente!... Respeite n'esta senhora minha mulher.

PEIXOTO.

Perdão! não sabia.

JORGE, a Elisa.

Agora não deve ter escrúpulos. É um papel sem valor.

ELISA.

Sem valor, Jorge!... Vale a honra e a vida de meu pai; vale a nossa felicidade.

JORGE.

Vá depressa socegar seu pai... Ah! Agradeça a Joanna, Elisa.

ELISA.

Porque? Ella tambem se interessou por mim?

JORGE.

Depois lhe direi porque.

JOANNA.

Eu só peço a Deos que faça meu nhonhô e iaiá D. Elisa muito, muito felizes!

Durante a scena seguinte vê-se Jorge e Elisa na porta.

SCENA XI

PEIXOTO e JOANNA.

PEIXOTO.

Não tens alguma roupa?... Ou é só a do corpo?

JOANNA.

Tenho muita roupa, graças a Deos; é o que não me falta. Nhonhô me dá mais do que eu preciso.

PEIXOTO.

Pois então vai arrumar a trouxa. E anda com isso.

JOANNA

Por uma noite?... Nhonhô amanhã vai-me buscar.

PEIXOTO.

Todos elles dizem o mesmo... Amanhã, amanhã... e o tal amanhã dura um anno.

JOANNA.

Que diz, meu senhor?... Um anno!... Oh! meu nhonhô não é como esses. Vm. ha de ver... Elle quer bem á sua mulata.

PEIXOTO.

Vamos. Despacha-te. Vai sempre ver a roupa. Não digas que te engano.

JOANNA.

Não, meu senhor. Se eu ficar lá, o que Deos não ha de permittir, não... eu virei buscar os meus trapinhos. Agora!... Se eu os levasse... Era como se não tivesse mais de voltar para o poder de meu nhonhô!... E Joanna não poderia!

PEIXOTO.

Bem! Eu cá mandarei!

SCENA XII

OS MESMOS e JORGE.

JORGE.

Desculpe se o fiz esperar.

PEIXOTO.

Não manda mais nada ao seu serviço?

JORGE.

Tenho apenas uma supplica a fazer-lhe.

PEIXOTO.

Que diremos?

JORGE.

Durante o tempo que esta... que Joanna vai estar em sua casa.

PEIXOTO.

Que é minha escrava, quer o senhor dizer.

JORGE.

Peco-lhe que a trate com doçura. Está habituada a viver comigo, mais como uma companheira do que...

PEIXOTO.

Escusa pedir-me isto. Sou bom senhor. O caso é sabermos levar-me. Anda mulata! Vamos.

JOANNA.

Já?!... Me deixe dizer adeos a meu nhonhô.

PEIXOTO.

Pois dize lá o teu adeos... E nada de choramingas.

JOANNA.

Meu nhonhô, adeos! Sua escrava vai-se embora!

JORGE.

Joanna!

JOANNA.

Não chore, nhonhô. É por hoje só. Não e?

JORGE.

Eu te juro.

JOANNA.

Oh ! Se não fosse, nhonhô me deixava ir ?

JORGE.

De certo que não !

JOANNA.

Mas se o Sr. doutor não vier amanhã ?

JORGE.

Se elle faltar, meu Deos !

JOANNA.

Não ha de faltar, não. Sr. doutor é homem de palavra...

JORGE.

E quando por qualquer acaso succedesse... Ainda tenho forças para trabalhar.

JOANNA.

Oh ! meu nhonhô ! Não é por mim que eu tenho medo de ficar lá. Deos é testemunha... Mas quem ha de tratar de meu nhonhô quando sua Joanna não estiver aqui?... Quem ha de preparar tudo, para que não lhe falte nada? E se nhonhô cahir doente?!... Meu Jesus!... Que dôr de coração só de pensar n'isso !

JORGE.

Consola-te, Joanna. Algumas horas depressa se passão.

JOANNA.

É assim mesmo, nhonhô... Mas que saudades que Joanna vai ter... Ella que nunca sahio de junto de seu senhor... nem um dia... Que nunca se deitou sem lhe tomar a benção!... Nhonhô tambem ha de ter saudades de sua escrava?...

JORGE.

Perguntas, Joanna?

JOANNA.

Oh! Eu sei que nhonhô ha de ter!... Mas não fique triste, não.

JORGE.

Joanna, não me faças perder a coragem... D'este modo não terei animo.

JOANNA.

Está bom, nhonhô. Olhe : Joanna não chora mais! Está se rindo. Amanhã ella estará aqui outra vez, servindo seu nhonhô... E iaiá D. Elisa, Sr. Gomes... todos contentes!...

PEIXOTO.

Se continuamos assim, não saio d'aqui hoje! É uma choradeira que nunca mais se acaba.

JORGE.

Não zombe d'estas lagrimas, senhor! Joanna me criou. Nunca nos separámos. É toda a minha familia! Ella e um amigo que tive hoje a felicidade de ver. Amor de mãe que não conheci, amor de irmã que não tive, tudo concentrei n'ella!

PEIXOTO.

Mas é preciso que terminemos com isto.

JORGE.

É justo... Joanna! Adeos! Até amanhã!

JOANNA.

Até amanhã!... Sim, meu nhonhô!... Mas se eu lhe pedisse...

JORGE.

O que? Dize...

JOANNA.

Não... Para que... Incommodar a nhonhô?

JORGE.

Pede... O que?

JOANNA.

Nhonhô á tardinha... Quando se recolhesse... Podia passar...

JORGE.

Compreendo... Eu irei ver-te, minha boa Joanna.

JOANNA.

Que alegria que Joanna terá!

PEIXOTO.

Não posso mais. — Psio! Mulata! segue-me!

JORGE.

Não lhe falle assim!

PEIXOTO.

Ora, essa! É minha escrava. Posso fazer d'ella o que quizer.

JORGE.

Usurario!... Não me obrigue a fazer uma loucura!

JOANNA.

Nhonhô não se altere... Vamos, meu senhor. Estou prompta.

PEIXOTO.

Passa! Anda...

JOANNA.

Nhonhô!... Lembre-se de sua escrava.

JORGE.

Meu Deos!...

FIM DO TERCEIRO ACTO.

ACTO IV

Em casa de Jorge. A mesma sala.

SCENA PRIMEIRA

JORGE e ELISA.

ELISA.

Sr. Jorge!...

JORGE.

Ah! bom dia, Elisa!... Seu pai?

ELISA.

Está inteiramente calmo. Sahio... Disse-me que d'aqui
pouco lhe viria agradecer.

JORGE.

Elle já sabe?

ELISA.

Contei-lhe tudo !... Não devia?

JORGE.

Fez bem. Que respondeu elle?

ELISA.

Sorrio, Jorge !

JORGE.

Approvou portanto...

ELISA.

Parece...

JORGE.

Só nos falta para sermos felizes...

ELISA.

O que?... Não me responde?

JORGE.

Não posso agora ! Depois saberá, Elisa.

ELISA.

Deve ser alguma cousa que lhe pesa ! Está inquieto !

JORGE.

É engano !... Não tenho motivo de inquietação.

ELISA.

Quer occultar de mim, que lhe contei todos os meus pezares?

JORGE.

Nada occulto... São recordações... O espirito humano é assim... Inquieta-se, possue-se de um vago temor, quando maior razão tem de alegrar-se.

ELISA.

Pois eu o deixo... Já que não posso desvanecer, não quero perturbar essas recordações.

JORGE.

É uma queixa injusta. Fique!

ELISA.

Oh! Não... Não posso demorar-me... Não devo! Quiz unicamente agradecer-lhe... Na presença de meu pai não teria animo.

JORGE.

Porque, Elisa?

ELISA.

Não sei!... Ha certas cousas que... Não posso explicar... Mas só ao senhor as diria!

JORGE.

Tem razão, Elisa! Se ha pudor sublime é o da alma.

ELISA.

Será talvez por isso... Eu conheço que é improprio vir aqui... Porém hontem a desgraça me arrastou sem consciencia do que fazia! Hoje foi a gratidão que me trouxe.

JORGE.

Uma vez por todas, Elisa. Não tem que me agradecer.

ELISA.

Oh! Sr. Jorge!

JORGE.

Não, Elisa. O que fiz foi por egoismo. Não defendia a minha felicidade? E se alguém deve ser grato, não sou eu?

ELISA.

O que o senhor chama a sua felicidade, não é tambem a minha? Fui eu que a dei ou que recebi?...

JORGE.

Deu-a.

ELISA.

Recebi-a com a honra e a vida de meu pai. Bem vê que a gratidão me pertence, e a mim só!

JORGE.

De modo algum!

ELISA.

Não m'a roube!... É a minha unica riqueza.

JORGE.

E o amor, Elisa?

ELISA.

Esse não me pertence! É seu!... Bem o sabe! Adeos.

JORGE.

Até logo, então?

ELISA.

Até logo, sim... Onde está Joanna?

JORGE.

Joanna? — Lá dentro... Sahio... creio....

ELISA.

Ainda hoje não a vi!... Desde hontem á tarde!...

JORGE.

Esteve occupada talvez.

ELISA.

Ralhe com ella para não ser ingrata!... É verdade!...

O que ficou de me dizer hontem?...

JORGE.

Depois, Elisa!

ELISA.

Tambem o senhor hoje vai deixando tudo para depois.

Quando se realisaráõ todas as suas promessas?...

JORGE.

No dia em que se realisarem as minhas esperanças.

ELISA.

Ah!... Tem bem que esperar!

JORGE.

Não ha de ser tão má.

SCENA II

OS MESMOS e JOANNA.

ELISA.

Aqui está ella!

JORGE.

Joanna!

JOANNA.

Meu nhonhô!... Como está?... Dormio bem?... Não teve nenhum incommodo, não?... Ai! que já não podia!... Passar tanto tempo sem ver meu nhonhô! — Adeos, iaiá.

ELISA.

Estou muito agastada contigo!... Onde é que andaste?

JOANNA.

Eu! Ahi mesmo, iaiá.

ELISA.

Mas chegaste de fóra... Ainda não tinhas visto Sr. Jorge hoje?

JORGE.

Ainda não.

ELISA.

O senhor ainda não sahio!...

JOANNA.

Não vê, iaiá... Sim! Eu fui hontem de tarde... Aproveitei, como o tempo estava bom... Fui lavar uma trouxa de roupa n'uma chacara em Santa Theresa.

ELISA.

Por isso é que não te vi mais hontem?

JOANNA.

Foi, iaiá... Foi por isso mesmo!... Mas nhonhô está triste! Não falla com sua mulata!

JORGE.

Já te fallei, Joanna. Estou esperando pelo doutor!

JOANNA.

Não tarda, nhonhô... Vem sem falta. Não se agonie.

ELISA.

E eu não quero que me encontre aqui!

JOANNA.

Iaiá já vai?... Então quando é o dia?

ELISA.

Que dia?... Começas com as tuas graças!

JOANNA.

Ora, isso é uma cousa tratada. Não é, nhonhô?

JORGE.

Só falta o que tu sabes, Joanna!

ELISA.

O que?... Não me dizem?

JORGE.

É um segredo!

JOANNA.

Iaiá quer saber?

ELISA.

Quero, sim!... É a meu respeito?

JOANNA.

Escute, iaiá... No ouvido. É o vestido que está se fazendo.

ELISA.

Mentirosa!... Cuidas que eu acredito?

JOANNA.

Se eu é que hei de cosê-lo com estas mãos!

ELISA.

Antes d'isso tens muito que coser.

JOANNA.

O enxoval! Não é, iaiá?

ELISA.

Joanna! Por tua causa não hei de vir mais aqui.

Sahe.

SCENA III

JOANNA e JORGE.

JORGE.

Cômo te tratou aquelle homem, Joanna? Não imaginas quanto me arrependi... Entretanto se o não fizesse, quem sabe o que aconteria!

JOANNA.

Não tenha cuidado, nhonhô! Joanna vive em toda a parte... O que tem é que sente um aperto de coração quando não pôde ver seu nhonhô!

JORGE.

Tambem eu! Toda a noite não pude socegar... Faltava-me alguma cousa.

JOANNA.

Devéras!... Nhonhô sentio que sua Joanna se fosse embora!... Como nhonhô é bom! Como quer bem á sua Joanna!

JORGE.

Pois duidavas?

JOANNA.

Então eu não sei que nhonhô me estima!

JORGE.

Muito!... E o doutor que não chega!

JOANNA.

Não póde tardar! Emquanto nhonhô espera, eu vou endireitar isto... Como ha de estar tudo n'uma desordem!

JORGE.

De certo!... Não estando tu aqui...

JOANNA.

Por isso eu hoje, logo que acordei, pedi a Nosso Senhor Jesus-Christo, primeiro pela vida e saude de meu nhonhô, de iaiá D. Elisa, de Sr. Gomes, de Sr. doutor; depois prometti á Nossa Senhora uma camizinha bordada para seu menino Jesus d'ella, o que está na igreja do Sacramento, se não deixasse dar nove horas em S. Francisco de Paula sem que eu viesse ver meu nhonhô, tomar

a benção a elle, e fazer seu serviço para que não sentisse a falta de sua Joanna.

JORGE.

E sou eu que hei de cumprir a tua promessa.

JOANNA.

Não é nhonhô que me dá tudo?... Depois, das mãos de nhonhô a Virgem Santa ha de receber com mais gosto.

JORGE.

Ella a receberá do teu coração, Joanna.

JOANNA.

Mas eu é que hei de bordar a camizinha!

JORGE.

Faz-te mal aos olhos o bordar.

JOANNA.

Para Nossa Senhora... Para seu Menino Jesus d'ella!... Qual!

JORGE.

Só consinto com a condição de não trabalhares á noite.

JOANNA.

Pois sim, nhonhô. Mas eu não disse como Nossa Senhora se lembrou de mim!

JORGE.

Como foi?

JOANNA.

Olhe, nhonhô!... Vê-se mesmo que foi cousa do Céu! E ha gente que zomba e não quer acreditar!... Pois eu estava pensando no meu canto que volta havia de dar para ver nhonhô, quando o homem me chamou e disse: « Se alguém bater falla pela janella e manda esperar. Eu costumo fechar a porta da rua e levar a chave. »

JORGE.

Deixou-te presa?

JOANNA.

Não, nhonhô! Ahi é que está o milagre de Nossa Senhora! Eu fiquei fria quando elle disse aquillo!... De repente chega uma carta! O homem lê, ataranta-se todo, e lá se vai sem chave, sem nada!

JORGE.

E sahiste?

JOANNA.

Fechei tudo direitinho, cerrei a porta da rua e corri até aqui.

JORGE.

Não se zangue elle quando voltar!

JOANNA.

Antes d'isso eu hei de estar lá... Deixe-me endireitar tudo... Espanar a mobilia.

JORGE.

Talvez não voltes mais! Chegando o doutor...

JOANNA.

Quem dera, nhonhô!

JORGE.

Não te ha de alegrar mais do que a mim.

JOANNA.

Ora, nhonhô quer se privar de sua mobilia tão bonita!... Simples, mas bem feitinha!... Estas cadeiras tão direitinhas... e leves!... Estes aparadores... Parece que se tomou a medida pela casa.

JORGE.

Preferia perder tudo isto a ver-te sahir de minha casa...
E como?

JOANNA.

O melhor é a gente não se lembrar mais d'isto! Oh!
nhonhô! Que vidro é este, que está aqui?

JORGE.

Qual, Joanna?

JOANNA.

Este, nhonhô. Não vê?

JORGE.

Cuidado, Joanna. É veneno!

JOANNA.

Veneno!... Nhonhô!... Que quer fazer?... Mão!...

JORGE.

Ouve!...

JOANNA.

Mão, sim!... Nhonhô é um ingrato!... Meu Senhor Deus!... E eu não tive uma pancada no coração que me dissesse!...

JORGE.

Que estás ali a inventar, Joanna? Quem te disse que este veneno era para mim?

JOANNA.

Ah! não era... Mas como veio parar aqui?

JORGE.

Eu te explico. Ninguém mais do que tu deve saber. É a prova da tua generosidade!... O pai de Elisa...

JOANNA.

Sr. Gomes?

JORGE.

Queria matar-se!

JOANNA.

Por causa d'aquella letra?

JORGE.

Justamente. Elisa tirou-lhe o veneno e me confessou tudo hontem!

JOANNA.

Que menina! Humm!... Não me disse nada! Foi d'ella

que nhonhô tomou o vidro?... Mas não devia deixar por aqui.

JORGE.

Esqueci-me. Tenho tido tantas preocupações... Dá cá.

JOANNA.

Eu guardo, nhonhô, para deitar fóra.

JORGE.

Vê se te descuidas !...

JOANNA.

Está no seio. Vou atirar ao mar... Póde algum mal-fazejo...

JORGE.

Não o abras !

JOANNA.

Eu !... Nosso Senhor me defenda.

JORGE.

Ahi está o doutor !

JOANNA.

Ai !... Que ia fazendo ?

JORGE.

Heim !... Que foi ?

JOANNA.

N'aquella afflicção de hontem me esqueci !... Nhonhô não diga nada a elle do que se passou !... Olhe lá !

JORGE.

Porque? Não queres que elle te admire?

JOANNA.

Nhonhô! Fôra de graça!... Não diga nada! Por tudo quanto ha!

JORGE.

Tens razão!...

SCENA IV

OS MESMOS e Dr. LIMA

DR. LIMA.

Então, como se arranjou?

JORGE.

Achei quem me emprestasse, mas com a condição de pagar hoje sem falta.

DR. LIMA.

Muito bem! Eu fiz o que pude. Hontem nada con segui.

JORGE.

E hoje?...

DR. LIMA.

Adeos! Joanna.

JOANNA.

Meu senhor passou bem?

JORGE.

Mas então, doutor?

DR. LIMA.

O que lhe disse eu hontem?

JORGE.

Que hoje ás nove horas, se não pudesse antes. .

DR. LIMA.

Que horas são?

JORGE.

Não sei! Empenhei o meu relógio! . .

JOANNA.

Hão de ser nove, meu senhor.

DR. LIMA.

Menos cinco minutos. Eu aqui estou e o dinheiro comigo.

JORGE.

Ah!

JOANNA.

Eu sempre disse! Homem de palavra, como meu senhor!...

DR. LIMA.

Espera! que temos uma conta a ajustar...

JOANNA.

Comigo?... Eu não fiz nada!

DR. LIMA.

Já te fallo. (A Jorge.) Aqui tem. Está n'esta carteira um conto de réis. Tire o que precisar.

JORGE.

Preciso de seiscentos mil réis. Tenho oitenta, bastão-me quinhentos e vinte.

DR. LIMA.

Não se acanhe!... Esses oitenta mil réis são naturalmente o producto do seu relógio empenhado!... Vá desfazer essa transacção. Gaste o que fôr preciso para pôr em ordem os seus negocios. Depois fallaremos.

JORGE.

Não lhe sei agradecer, doutor!... Se este dinheiro fosse para matar-me a fome, eu não o receberia com tanta avidez.

DR. LIMA.

Agora a nossa conta, Joanna. Jorge não te deu hontem um papel?...

JOANNA.

Meu senhor!...

JORGE.

Como soube, doutor?

DR. LIMA.

Eu não estava aqui?... Já se esquecerão?

JORGE.

Estava... mas...

DR. LIMA.

Quando te deu esse papel, que te disse Jorge?

JOANNA.

A que vem isto agora, meu senhor?

DR. LIMA.

Ainda!... Disse-te: « Joanna, n'esta casa não ha mais nem senhor nem escrava. » (A Jorge.) Não foj isto?

JORGE.

Foi, doutor, e repito.

DR. LIMA.

Ora bem! Se eu te ouvir d'aqui em diante alguma d'estas palavras, meu senhor, sua escrava, saio por aquella porta e não ponho mais os pés aqui!

JOANNA.

Meu... Sr. doutor!

JORGE.

Ralhe! Ralhe com ella, doutor, para ver se emenda-se.

DR. LIMA.

Não venho mais cá e escrevo uma carta a Jorge .. explicando-lhe o motivo!

JOANNA.

Ah! Vm. não ha de fazer isto! Eu juro o que quiser.

DR. LIMA.

Estamos entendidos.

JORGE.

Dê-me licença, doutor. Vou sahir um instante para saldar essa divida que me pesa.

DR. LIMA.

Sem cerimonia! Vá. Emquanto espero, Joanna, prepara alguma cousa, que ainda não almocei.

JORGE.

Ouves, Joanna?!

JOANNA.

Já. N'um momento!

DR. LIMA.

Chá e pão, basta!... Oh! Quem toca por aqui?

JOANNA.

É iaiá.

JORGE.

É a minha vizinha do primeiro andar.

DR. LIMA.

Que não tarda subir ao segundo?

JORGE.

Talvez, doutor.

SCENA V

DR. LIMA e JOANNA.

DR. LIMA.

Dá-me o jornal!... Aquillo que eu te disse é serio, ouviste Joanna?

JOANNA.

Ouvi, Sr. doutor. Quer que jure outra vez?

DR. LIMA.

Não é necessario.

JOANNA.

Ai!... Iaiá D. Elisa vai cantar! Como ella está contente hoje! Coitadinha! É uma pombinha sem fel!... E como canta bem!... Ora, discipula de nhonhô!... Que bonita voz!... Não é, Sr. doutor?

DR. LIMA.

Muito; mas ha outra que eu acharia mais bonita.

JOANNA.

Qual?... Não é capaz.

DR. LIMA.

A tua, Joanna...

JOANNA.

Gentes!... Que partes de Sr. doutor.

DR. LIMA.

Se ouvisses o resto... É a tua quando me disseres que o almoço está prompto.

JOANNA.

Santo Deos!... E eu a dar á taramella!... Perdão, Sr. doutor.

DR. LIMA.

Perdôo-te o julgares que com sessenta annos tinha tenções de namorar-te.

SCENA VI

DR. LIMA.

Scena muda. O doutor lê o jornal, interrompendo ás vezes a leitura para ouvir o romance francez — L'Aiguille — que Elisa canta; a final adormece. Pouco depois de acabar o romance, entra Jorge.

SCENA VII

DR. LIMA e JORGE

JORGE.

Que massada!

DR. LIMA.

Heim!... Que é?... Que temos?

JORGE.

Estou contrariado, doutor. Não achei o homem.

DR. LIMA.

Não é culpa sua. Elle que o procure.

JORGE.

Fiquei de ir levar-lhe o dinheiro, eu mesmo.

DR. LIMA.

Voltará depois.

JORGE.

Devo pagar-lhe hoje sem falta.

DR. LIMA.

O dia apenas começou. Ha tempo de sobra.

JORGE.

Só o encontrarei de manhã.

DR. LIMA.

Ora, se lhe parece!... Faça d'isso uma questão de honra! Já o procurou; cumprio o seu dever. Elle que appareça.

JORGE.

Aqui?

DR. LIMA.

Então!... Onde ha de ser?

JORGE.

Eu é que devo ir á sua casa.

DR. LIMA.

Ha de poupar-lhe esse incommodo. Não digo!

SCENA VIII

OS MESMOS, ELISA e GOMES.

GOMES.

Não é uma visita, Sr. Jorge, que viemos fazer-lhe, minha filha e eu.

JORGE.

Sente-se, D. Elisa... Sr. Gomes, doutor!...

GOMES.

Não é uma visita, não. É uma romaria, como dizem que outr'ora fazião aos lugares santos.

JORGE.

Ora, Sr. Gomes.

GOMES.

O Sr. doutor, a quem peço desculpa de minha distração de hontem...

DR. LIMA.

Não tem de que. Vi que estava indisposto.

GOMES.

Estava, como pôde estar o homem a quem a honra ordena que morra e sua filha orphã pede que viva.

ELISA.

Meu pai!... Esqueça-se!...

GOMES.

Ao contrario devo lembrar! Devo confessal-o! Não temos outro meio de reconhecer a dedicação d'aquelle a quem tu deves a vida de teu pai; e eu mais do que a vida.

JORGE.

Para que voltar a um passado que nos afflige a todos?

GOMES.

Eu não conheço egoismo mais cruel do que o do bemfeitor que recusa o reconhecimento d'aquelles a quem soccorreu. A gratidão, Sr. Jorge, não é só um dever; é tambem um direito.

DR. LIMA.

É um direito sagrado!

JORGE.

Porém, doutor, o S. Gomes nada me tem a agradecer.

Elle o sabe; e vou dar-lhe a prova. Estamos entre amigos, Elisa... seu pai e o meu...

DR. LIMA.

Pela afeição unicamente!... Nunca lhe fiz serviços...

JORGE.

Doutor!... Não ha meia hora!

GOMES.

Vê, Sr. Jorge! O senhor mesmo me dá razão.

JORGE.

Não, senhor! Ouça... Eu concebi ha mezes uma esperança de cuja realisação depende a ventura de minha vida. Amava... Amo sua filha!

GOMES.

Ella me confessou, Sr. Jorge.

JORGE.

Confessou-lhe unicamente que eu a amava?

GOMES.

E que era...

ELISA.

Meu pai!...

GOMES.

Não côres, minha filha. O amor puro, como o teu, é a corôa de virgem de uma moça. Elisa tambem o ama, Sr. Jorge.

JORGE.

Que fiz eu pois, Sr. Gomes, senão velar sobre a minha felicidade?... Fui apenas egoista!... Não tenho razão, doutor?...

DR. LIMA.

Todos têm razão; mas é preciso que se entendão. Definamos a situação, como dizem os estadistas quando a querem embrulhar. — Jorge pede-lhe a mão de sua filha, Sr. Gomes.

GOMES.

Responde, Elisa.

ELISA.

Não... Logo... meu pai!

GOMES.

É de ti unicamente que elle deve receber a tua mão!

ELISA.

Elle já não sabe?

JORGE.

É verdade ! Só esperamos pelo seu consentimento.

GOMES.

Não tenho consentimento a dar... Faço um voto pela felicidade de ambos.

DR. LIMA.

Isto é mais claro. Marquemos o dia.

GOMES.

O Sr. Jorge dirá.

ELISA.

Já!... Que pressa!

JORGE.

Elisa é quem deve marcar.

ELISA.

Eu não !

DR. LIMA.

Pois marco eu. E aposto que vão todos ficar satisfeitos.
Que dia é hoje ?

JORGE.

Terça-feira.

DR. LIMA.

Em tres dias faz-se um vestido... Sabbado!

GOMES.

Muito bem.

JORGE.

Concordo.

ELISA.

Tão cedo!...

DR. LIMA.

Quanto á casa, esta tem as accomodações necessarias.

JORGE.

Ainda não a viu, Sr. Gomes? Venha. Quero mostrar-lhe o gabinete que lhe destino.

GOMES.

A mim!...

JORGE.

Desejo que Elisa tenha seu pai junto de si. Entremos. É casa de estudante... Não repare.

SCENA IX

DR. LIMA e ELISA.

DR. LIMA.

Ha pouco, sem o suspectar, deu-me grande prazer,
minha senhora. Ouvia-a cantar.

ELISA.

Ah! Estava aqui?

DR. LIMA.

Era um romance francez!...

ELISA.

Aprendi-o a cantar sentindo-o. Por isso gosto muito
d'elle.

DR. LIMA.

Tem uma linda voz!

ELISA.

Qual!... Ha muitos dias que não cantava! Hoje tive
umas saudades!

DR. LIMA.

Da musica ou do mestre?...

SCENA X

OS MESMOS e PEIXOTO.

PEIXOTO.

Viva, senhor!

DR. LIMA.

Tire o chapéo!... Não vê que está diante de uma senhora?

PEIXOTO.

Não reparo n'estas cousas... A minha escrava?...

DR. LIMA.

Que escrava? O senhor sabe a quem falla?

PEIXOTO.

A escrava que o tal Sr. Jorge me vendeu!... Fugio-me esta manhã!... Está acoutada aqui!

ELISA.

Jeanna!

DR. LIMA.

Tranquillise-se, D. Elisa. Joanna está sórra. Jorge deu-lhe hontem a carta á minha vista!

ELISA.

Ella o merecia!

PEIXOTO.

Que historias está ahí o senhor a contar?

DR. LIMA.

Digo-lhe a verdade.

PEIXOTO.

Pois enganou-se!... Quero já para aqui a minha escrava!... Senão vou á policia!... É uma velhacada!

DR. LIMA.

Lembro-lhe que não está em sua casa! De que escrava falla o senhor?

PEIXOTO.

Quantas vezes quer que lhe diga?.. Da mulata Joanna, que comprei hontem!

ELISA.

Ah!

DR. LIMA.

O senhor mente!

PEIXOTO.

Veremos!... Eu lhe mostrarei para que serve este papel.

O doutor lê o papel na mão de Peixoto. Joanna apparece no fundo.

SCENA XI

OS MESMOS, JORGE e GOMES.

JORGE.

Cale-se.

GOMES.

Este miseravel aqui!

PEIXOTO.

A minha escrava!

DR. LIMA.

Desgraçado!...

JORGE.

Doutor !...

DR. LIMA.

Tu vendeste tua mãe !

Joanna foge.

JORGE.

Minha mãe !... Ah !

DR. LIMA.

Tua mãe, sim !... Digo-o alto ! porque te sei bastante nobre para não renegares aquella que te deu o ser.

Pequena pausa.

PEIXOTO.

Em todo o caso... Eu não perco o meu dinheiro.

DR. LIMA.

Quanto se lhe deve ?

PEIXOTO.

Seiscentos mil réis !

Jorge atira o dinheiro.

DR. LIMA.

Dê-me este papel !

JORGE.

Oh ! Não o rasgue, doutor !

DR. LIMA.

Para que conservar esse teste-nunho?

JORGE.

Para exprobrar-lhe o que me obrigou a fazer!... Porque foi ella... quem tratou com esse homem!

PEIXOTO.

Lá isso é a pura verdade.

JORGE.

A carta rasgou-a!

DR. LIMA.

Amor de mãe!...

JORGE.

Ah! Meu pai! . . Meu pai!... Como deves soffrer n'este momento!

DR. LIMA.

Elle não teve tempo de declarar... A morte foi repentina.

JORGE.

E ter vivido vinte annos com ella, recebendo todos os dias, a todo o instante as effusões d'esse amor sublime!... E não adivinhar!... Não presentir!... Perdão, minha mãe!... Onde está ella?

Sahe.

SCENA XII

Dr. LIMA, GOMES, ELISA, PEIXOTO e VICENTE.

VICENTE, a Peixoto.

Alto tá, camarada ! (Segura-o pela golla.)

PEIXOTO.

Isto são modos !

VICENTE.

Bom dia, Sr. doutor, e companhia.

DR. LIMA.

Adeos !

PEIXOTO.

Largue-me, senhor !

VICENTE.

Está seguro ! Deixe-se de partes.

PEIXOTO.

Com que direito me quer privar de sahir?

VICENTE.

Já lhe digo. (Lê.) « Mandado de prisão passado a requerimento do Dr. Promotor!... »

PEIXOTO.

Eu preso! . . Porque?

VICENTE.

Por causa de certas letras...

PEIXOTO.

É falso!

VICENTE.

São falsas mesmo as taes letras!

PEIXOTO.

Sr. Vicente...

VICENTE.

Romão, meu caro senhor, Romão... Tenha a bondade de seguir-me.

GOMES.

Deos é justo!

Elisa entra rapidamente na alcova.

SCENA XIII

DR. LIMA, GOMES e JORGE.

JORGE.

Vio-a, doutor?... Não a encontrei!... Procurei tudo!

DR. LIMA.

Socegue, Jorge! Deve ter sahido... Ella nada sabe ainda! Seja prudente... Não lhe annuncie de repente!... O choque pôde ser terrivel!...

JORGE.

Não me sei conter!... Quero abraçal-a!... Minha mãe!... Que prazer supremo que eu sinto em pronunciar este nome!... Parece-me que apprendi-o ha pouco!...

GOMES.

Sr. Jorge...

JORGE.

Ah! desculpe... Esqueci-me que estava aqui... O que acabo de saber...

GOMES.

Penalisa-me bastante, creia.

JORGE.

Como, Sr. Gomes?

GOMES.

Sinto muito, porém... O senhor comprehende a minha posição... As considerações sociaes...

JORGE.

Acabe, senhor!...

GOMES.

Esse casamento não é mais possivel!

JORGE.

Ah!

DR. LIMA.

Por que razão, Sr. Gomes?

JORGE.

Porque não reneguei minha mãe!

GOMES.

Sr. Jorge, eu o estimo... porém...

JORGE.

Tem razão, Sr. Gomes!... O senhor me julga indigno de pertencer á sua familia porque eu sou filho d'aquella que se vendeu para salvar essa mesma honra em nome da qual me repelte!

GOMES.

Que diz, senhor?...

ELISA, fóra.

Jorge!... Sua mãe!...

JORGE.

Elisa!... Aonde?... (Entra na alcova.)

GOMES.

Nas minhas circumstancias que faria, Sr. doutor?

DR. LIMA.

Não ha considerações nem prejuizos, senhor, que me obriguem a commetter uma ingratição.

SCENA XIV

DR. LIMA, GOMES, ELISA, JORGE e JOANNA.

JORGE.

Doutor, acuda!... Depressa!...

DR. LIMA.

O que?

ELISA.

Este vidro!...

GOMES.

Envenenada!...

JOANNA.

Um ataque!...

JORGE.

É o mesmo veneno que ella arrancou-lhe dos labios...
Sr. Gomes!

DR. LIMA.

Que fizeste, Joanna?

JOANNA.

Nada, meu... Sr. doutor.

JORGE.

Salve-a, meu amigo!...

DR. LIMA.

Só Deos!... A sciencia nada pôde!

JORGE.

Minha mãe!...

JOANNA.

Não!... Eu não sou sua mãe, nhonhô... O que elle disse,
Sr. doutor, não é verdade... Elle não sabe...

DR. LIMA.

Joanna!...

JOANNA.

Não é verdade, não!... Pois já se vio isso?... Eu ser
mãe de um moço como nhonhô!... Eu uma escrava!...
Não vê, nhonhô, que elle se engana?

JORGE.

Me perdôa, minha mãe, não te haver conhecido!

JOANNA.

Sr. doutor quer dizer que eu fui ama de nhonhô!...
Que nhonhô era meu... meu... de leite... só!... só de
leite!...

JORGE.

Chama-me teu filho!... Eu te supplico!...

JOANNA.

Mas não é... não!... Eu juro...

DR. LIMA.

Joanna!... Deos nos ouve!

JOANNA.

Por Deos mesmo... Elle sabe porque digo isto!... Por
Deos mesmo... juro... que... Ah!...

JORGE.

Morta!...

ELISA.

Minha boa Joanna!...

JOANNA.

Escute, iaiá Elisa... É a ultima cousa que lhe peço... Iaiá ha de fazer meu nhonhô muito feliz! .. Me promette?... Queira a elle tanto bem, como Joanna queria... Mas, nem iaiá nem ninguem pôde... não!...

JORGE.

Minha mãe!... Porque foges de teu filho, apenas elle te reconhece?

JOANNA.

Adeos, meu nhonhô... Lembre-se ás vezes de Joanna... Sim?... Ella vai rezar no céu por seu nhonhô... Mas antes eu queria pedir...

JORGE.

O que, mãe? Pede-me!...

JOANNA.

Nhonhô não se zanga?

JORGE.

Eu sou teu filho!... Dize!... Uma vez ao menos... este nome.

JOANNA.

Ah!... Não!... Não posso!

JORGE.

Falla! Falla!

JOANNA.

É um atrevimento!... Mas eu queria antes de morrer...
beijar sua... sua testa, meu nhonhô!...

JORGE.

Mãe!..

JOANNA.

Ah!... Joanna morre feliz!

JORGE.

Abandonando seu filho.

JOANNA.

Nhonhô!.. Elle se enganou!... Eu não. .. Eu não sou
tua mãe, não... meu filho! (Morre.)

JORGE, de joelhos.

Minha mãe!...

ELISA.

E minha, Jorge!...

GOMES.

Ella abençoê tão santa união!...

DR. LIMA.

E me perdôe o mal que lhe fiz!

FIM.

O CASAL
de um p
f. col. b
A CASTR
O CASTR
Grande
p. col. c
TRA C
de b
CLARA
Brasão
brasil
OS DU
trabalh
O ENGA
A ESTAD
e L
O FICHA
p. col. d
GASPAR
m. col. e
O FERRO
de um p
col. f
OS ENGL
m. col. g

LIVRARIA DE B. L. GARNIER

69, rua do Ouvidor.

- O CASAL DAS GIESTAS**, drama em 5 actos e 8 quadros, precedido de um prologo, por FRÉDÉRIC SOUHIÉ, traduzido por ANTONIO REGO. 1 vol. br. 1 \$ 000
- A CASTANHEIRA**, ou a Brites papagaia, entremez. 1 vol. br. 520
- O CAVALLEIRO DA CASA VERMELHA**, episodio do tempo dos Girondinos, drama em 5 actos e 12 quadros, por A. DUMAS e A. MAQUET, traduzido por ANTONIO REGO. 1 vol. brochado. . . . 1 \$ 000
- UMA CHICARA DE CHÁ**, comedia em 1 acto, livremente traduzida do francez por A. P. DOS SANTOS LEAL. 1 vol. brochado. . . 1 \$ 000
- CLARA HARLOWE**, drama em 3 actos, entremeiado de canto, por DUMANOIR, CLAIRVILLE e GUILLARD, traduzido por ANTONIO REGO. 1 vol. brochado. 1 \$ 000
- OS DOUS SERRALHEIROS**, drama em 5 actos, por FÉLIX PYAT, traduzido por ANTONIO REGO. 1 vol. 1 \$ 000
- O ENGAJAMENTO** na cidade do Porto, comedia em 1 acto. . . 500
- A ESTALAGEM DA VIRGEM**, drama em 5 actos, por H. HOSTEIN e TAVENET, traduzido por ANTONIO REGO. 1 vol. brochado. 1 \$ 000
- O FECHAMENTO DAS PORTAS**, farsa dedicada ao caixeiro mais patusco do Rio de Janeiro. 1 vol. brochado. 500
- GASPAR HAUSER**, drama em 4 actos, por ANICET BOURGEOIS e d'EXNERY, traduzido por ANTONIO REGO. 1 vol. brochado. . . . 1 \$ 000
- O HEROISMO BRASILEIRO**, ou o naufragio da corveta *D. Isabel*. drama maritimo em 3 actos, composto por D. JOSÉ JOAQUIM FRANCONI, offerecido e dedicado aos Srs. officiaes da Marinha e Exercito do Brasil no anno de 1861. 1 vol. brochado. 2 \$ 000
- OS INGLEZES NO BRASIL**, comedia em 2 actos, por D. JOSÉ LOPES DE LA VEGA. 1 vol. brochado. 500

- MADemoiselle de Belle-Isle**, drama em 5 actos, por Alex. DUMAS, traduzido por ANTONIO REGO. 1 vol. brochado. 1 \$ 000
- MARIA DE CASTAGLI**, ou o rancor de vinte annos, drama em 5 actos, composição original do Dr. JOSÉ MANUEL VALDEZ E PALACIOS. 1 vol. brochado. 1 \$ 000
- O MARIDO APOUQUENTADO**, comedia em 1 acto. 1 vol. 500
- OS ORPHÃOS DA PONTE DE NOSSA SENHORA**, drama em 5 actos e 8 quadros, por ANICET BOURGEOIS e MASSON, traduzido por ANTONIO REGO. 1 vol. brochado. 1 \$ 000
- PELAIO**, ou a vingança de uma affronta, drama em 4 actos, por A. M. DE SOUZA. 1 vol. in-4 brochado. 1 \$ 000
- O PHENOMENO**, ou o filho do mysterio, comedia em 1 acto. 500
- POR CAUSA DE MEIA PATACA**, comedia em 1 acto, por JOSÉ ALARICO RIBEIRO DE REZENDE. 1 vol. brochado. 500
- QUEM PORFIA MATA CAÇA**, comedia, por L. C. M. PENNA. 1 vol. brochado. 600
- SIMÃO O LADRÃO**, drama em 4 actos, por LAURENCIN, traduzido por ANTONIO REGO. 1 vol. brochado. 1 \$ 000
- THEATRO DO DR. J. M. DE MACEDO**, 3 vol. in-8 nitidamente impressos e encadernados. 9 \$ 000
- Vol. 1º: Luxo e Vaidade, Primo da California. Amor e Patria. — Vol. 2: A torre em concurso, O Cego, Cobé, Abrahão. — Vol. 3: Lusbela, Fantasma Branco, Novo Othello.
- O 1º volume vende-se separadamente brochado. 2 \$ 000

AS SEGUINTEs PEÇAS TAMBEEM VENDEM-SE SEPARADAMENTE :

- A torre em concurso** 1 \$ 500
- Lusbela** 1 \$ 500
- Fantasma Branco** 1 \$ 500
- Novo Othello** 500
- 29, OU HONRA E GLORIA**, comedia-drama de costumes militares, em 3 actos e 4 quadros, offerecida e dedicada a S. M. El-Rei o Sr. D. Pedro V, por JOSÉ ROMANO. 1 vol. in-8 brochado. 1 \$ 000

NAS MESMAS LIVRARIAS

JORNAL DAS FAMILIAS

Publicação mensal, illustrada, litteraria, artistica, recreativa, etc., ornado de figurinos, vinhetas, gravuras sobre aço, aquarellas, sepias, peças de musica, desenhos de trabalhos sobre talagarsa, de crochet, de ponto de meia, lã e bordados, moldes de vestidos, capas, e em geral de tudo o que é concernente a trabalhos de senhoras.

AS ASSIGNATURAS SÃO ANNUAES :

Para a côrte e Nitherohy.	10 \$ 000
Para as provincias.	12 \$ 000
Numero avulso.	1 \$ 000

O GUARANY

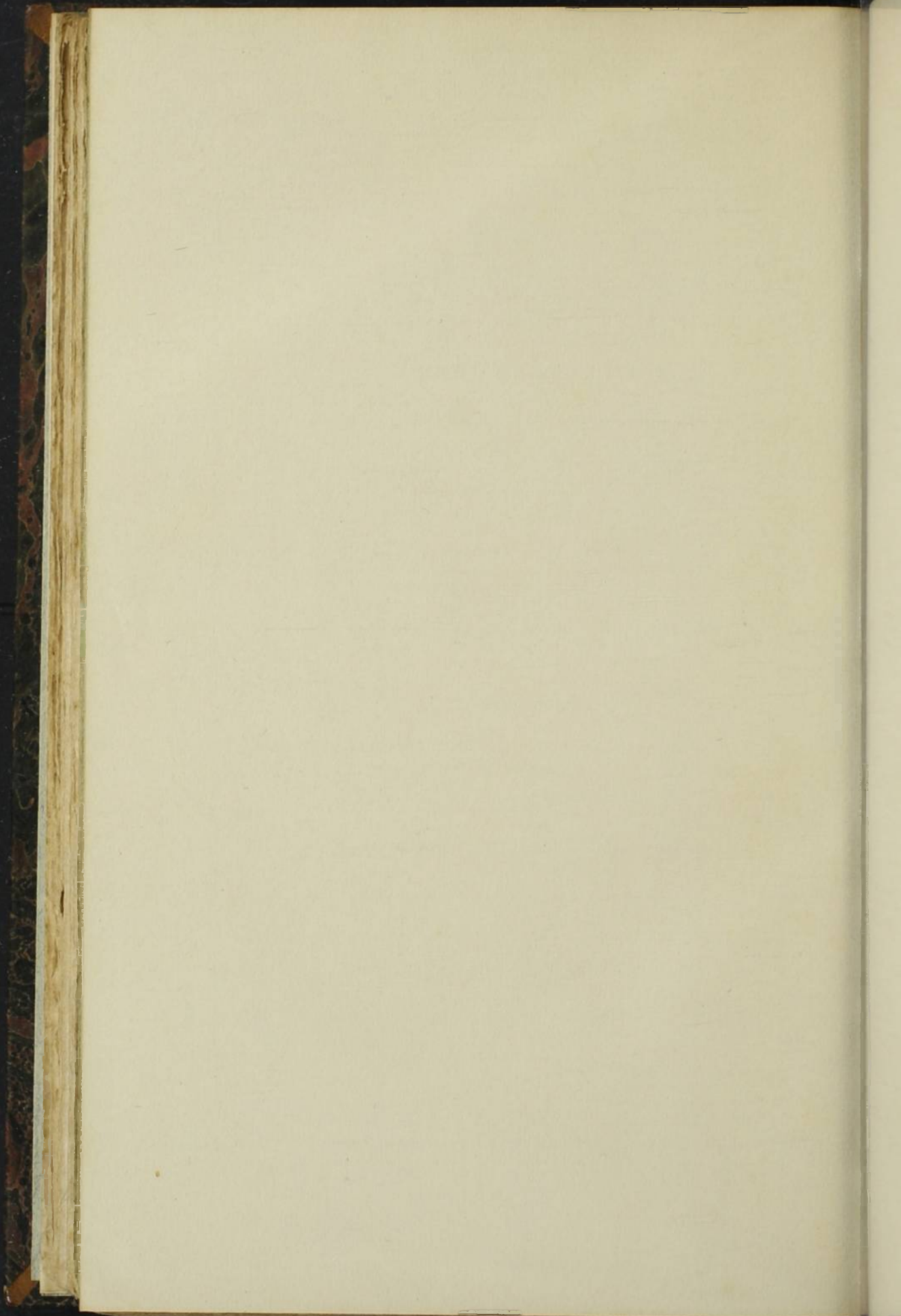
Romance brasileiro por J. DE ALENCAR. 2ª edição correcta. 2 vol. in-4 nitidamente impressos e encadernados. 10 \$ 000

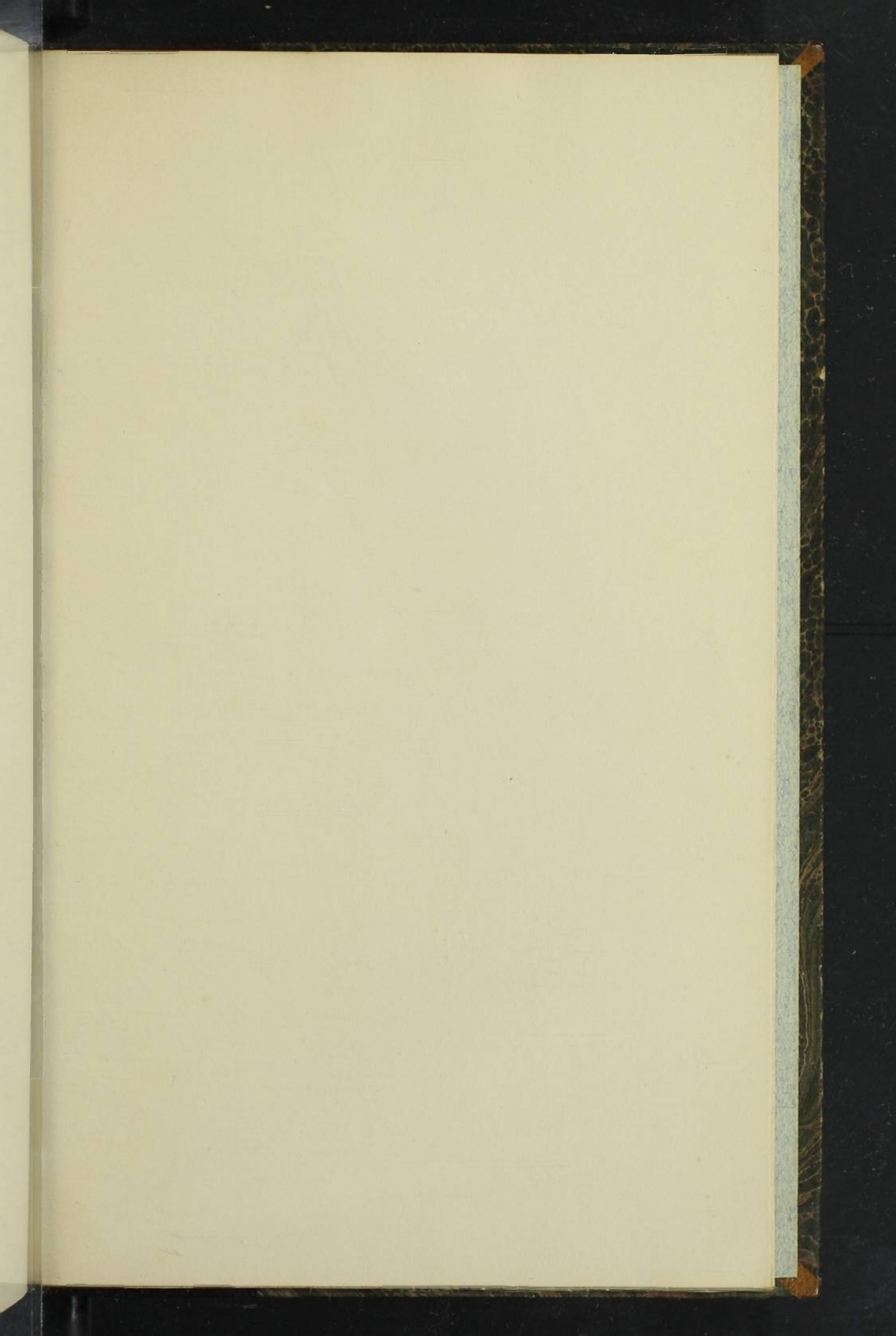
CINCO MINUTOS — A VIUVINHA

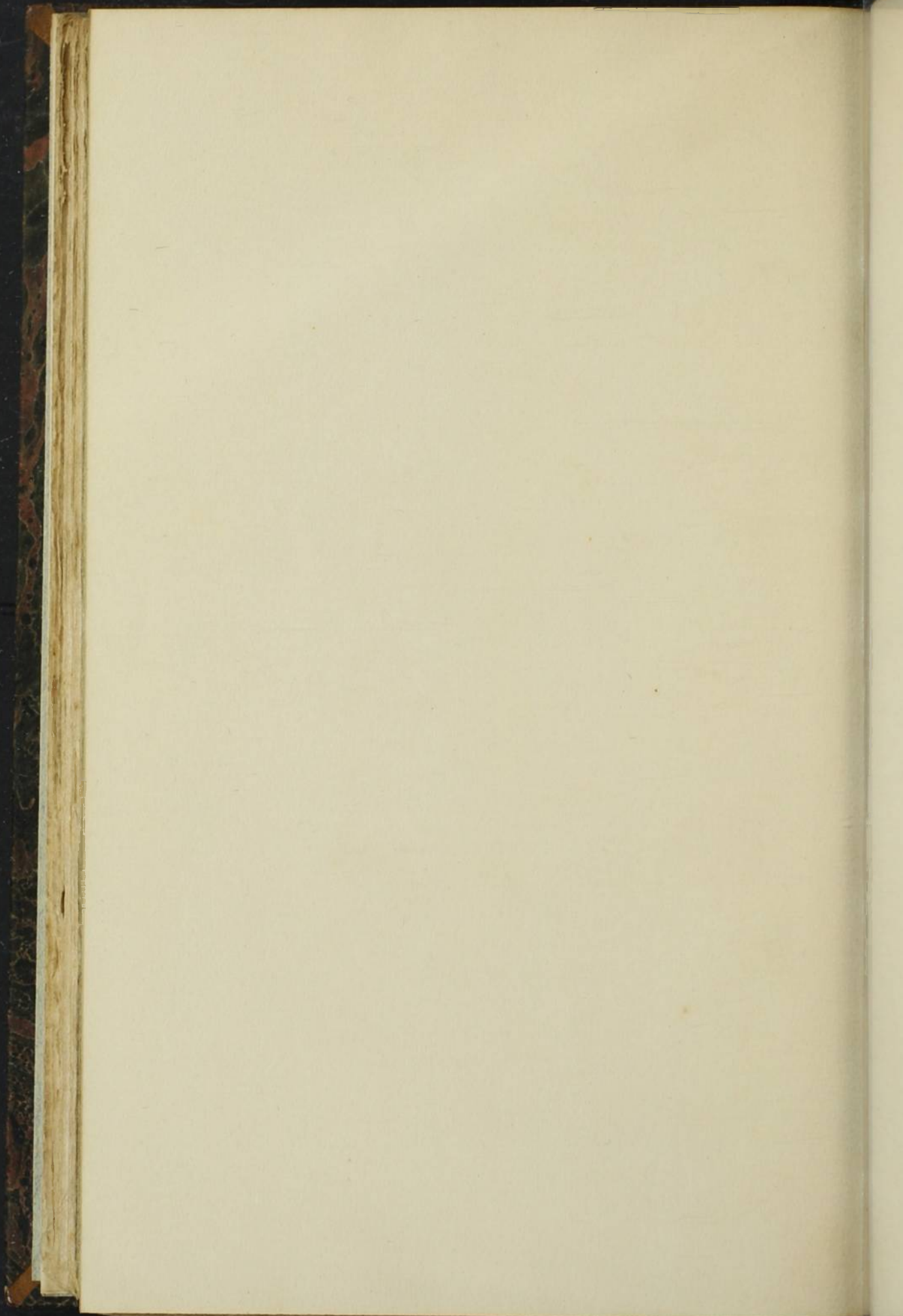
Romances brasileiros, por J. DE ALENCAR 1 vol. in-8. 1 \$ 500

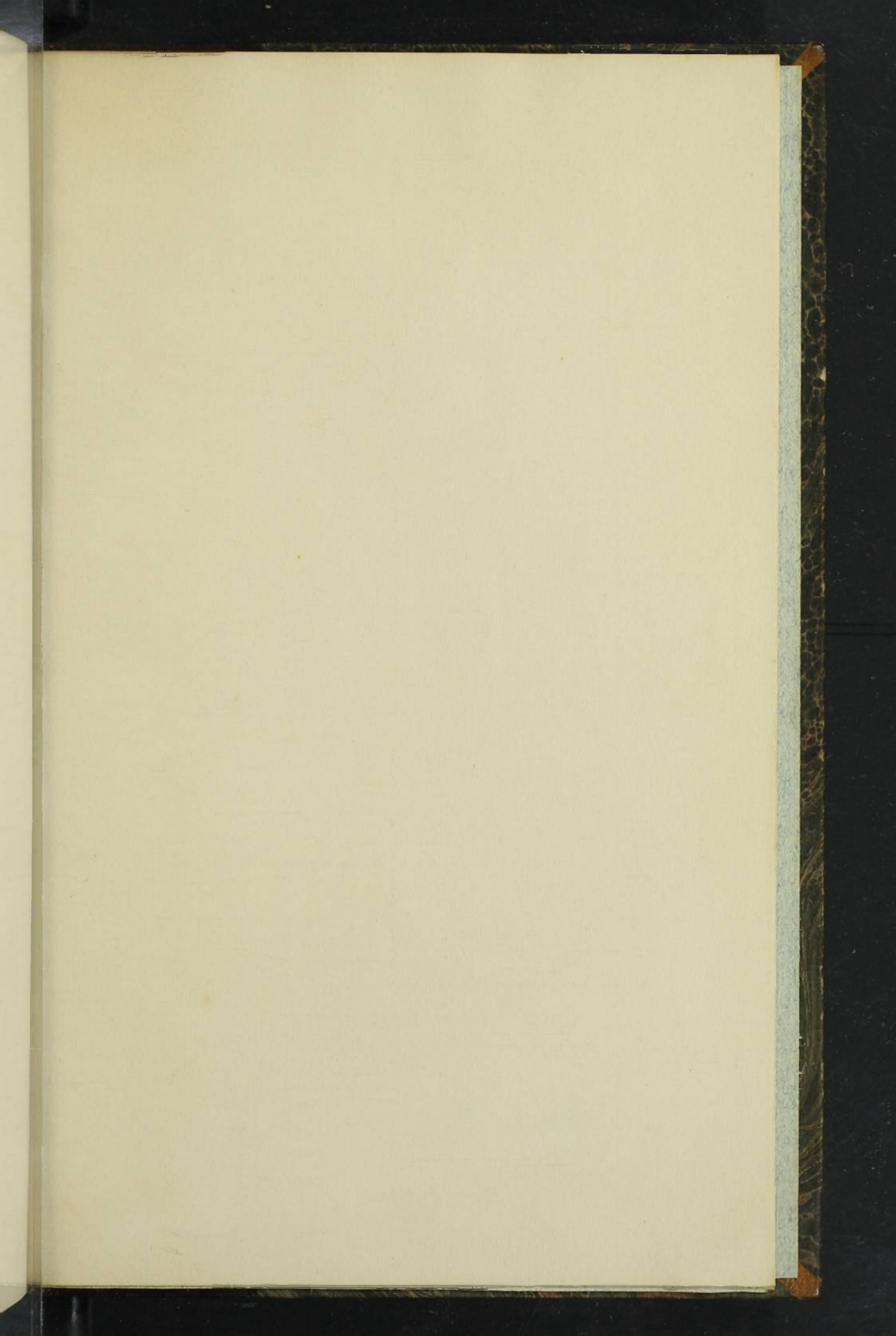
AS AZAS DE UM ANJO

Comedia em um prologo, quatro actos e um epilogo, por J. DE ALENCAR. 2ª edição revista. 1 vol. in-4. 10 \$ 000









18531

